

Principal
Mentura



MONSENHOR ADELINO MARIA
LOPES PEDROSA



VIDA E I CENTENÁRIO

1881 - 1981

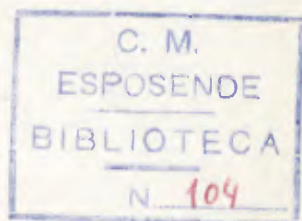
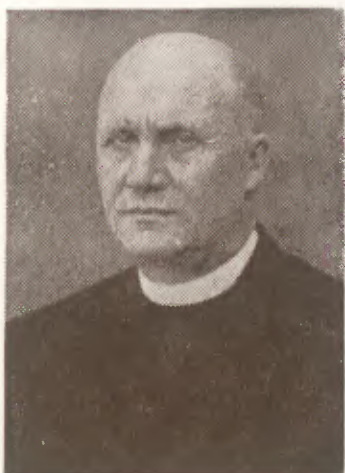


A Biblioteca Municipal de
Espinho

D. Manuel Dapista de Sousa

Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa

Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa



Vida e I Centenário

1881 - 1981

Colaboração de:

D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo Primaz
P.º Avelino Pinheiro Borda
P.º Manuel Baptista de Sousa
Dr. António Gonçalves Losa Júnior
Monsenhor Alberto Rocha Martins
Prof. Carlos Oliveira Martins
P.º Dr. António Meira Marques Henriques
Engenheiro João Maria Oliveira Martins
Dr. Manuel Sobral Torres
Cónego Rodrigo Alves Novais
Armindo Duarte
Belemino André Ribeiro
P.º José Pires Afonso
Prof.ª D. Maria Amélia F. de Areia
P.º Avelino M. Peres Filipe
P.º Henrique da Costa Macedo
Monsenhor António Araújo Costa
D. Maria Arminda Sousa Ribeiro da Cruz
Manuel Maria Martins da Silva Costa

Coordenador e Editor

P.º MANUEL BAPTISTA DE SOUSA

PREAMBULO

Impregnada de simplicidade e atraente misticismo, a vida de Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa não podia ficar sepultada na frieza muda dos covais, ou desfeita na voragem implacável do tempo, que apaga o nome dos mortos na lembrança dos vivos. Sacerdote de elevada estatura social e moral, não podia desaparecer da linguagem daqueles que ainda ficaram neste mundo.

Contemplados com seus benefícios, achamos ser um dever perpetuar o nome de figura tão eminente, através desta publicação. Ela ficará como um grande monumento a eternizar a sua memória, substituindo as estátuas de pedra ou de bronze, com a vantagem de ser um monumento móvel, que permita a todos os interessados e admiradores assimilarem a preciosa mensagem legada por tão ilustre personalidade, ao conseguir ser simples na vida e gigante na virtude.

Deste modo, ao prestarmos homenagem sincera a um Sacerdote que muito influiu em nós, queremos também homenagear o Sacerdote em geral, que sendo a alma da vida espiritual do seu ambiente, não deixa de se integrar no campo material, de que se torna, tantas vezes, o principal impulsionador do progresso e bem-estar das populações.

Julgo que ainda teremos o mérito de algo contribuirmos para o quadro histórico deste concelho.

Feita esta publicação no ano centenário do seu nascimento, ela constituirá o último número da nossa homenagem jubilar.

E que o centenário de Monsenhor Pedrosa foi mais uma pedra refulgente na coroa preciosa de centenários celebrados

no ano em curso: primeiros centenários do Papa João XXIII, de D. António Bento Martins Júnior, Nuno de Montemor (P.º Joaquim Augusto Álvares de Almeida), Dr. Artur Bivar, quarto centenário de S. Vicente de Paulo, oitavo centenário de S. Francisco de Assis, etc.

Privados pela morte da sua feliz convivência terrena, vamos revivê-lo nas laudas dos três capítulos, que vão preencher esta publicação:

I — Resumo biográfico e notas complementares;

II — A Homenagem no seu I centenário;

III — Alguns testemunhos dos seus admiradores.

Um número variado de fotografias, recolhidas da sua vida familiar, social e pastoral, irá ilustrar e enriquecer tão preciosas descrições biográficas.

Que esta Homenagem Àquele que foi, na terra, a encarnação do amor e do perdão, leve os nossos leitores a perdoar as muitas deficiências encontradas, pois não podendo recorrer ao talento — que não possuímos —, apoiemo-nos na boa vontade, na admiração e desejo de sermos úteis aos vindouros, buscando a devida exaltação de uma figura da Santa Igreja.

Esposende, 11 de Fevereiro de 1982.

P.º MANUEL BAPTISTA DE SOUSA

I

RESUMO BIOGRÁFICO

«*Sacerdotes de ontem* — MONSENHOR ADELINO MARIA LOPES PEDROSA»

Solicitado para escrever as notas biográficas de Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa, naturalmente hesitei em aceder ao pedido, não porque me faltasse o desejo de colaborar na feliz iniciativa de perpetuar a sua memória, e não sentisse a distinção que me era proporcionada, mas sim pela reconhecida impossibilidade de satisfazer ao que é lícito esperar.

Certo é que tive a dita de conviver de perto com Monsenhor Pedrosa, e até confesso como preito de gratidão que muito lhe deve a minha vida sacerdotal, mormente quando na juventude nele encontrei um providencial e amigo orientador; mas se sempre me reconheci muito pequenino perante a gigantesca personalidade de Monsenhor Pedrosa, como expressar agora, em idade mais que madura, sentimentos de muita estima, respeito e veneração vividos durante largos anos?

Mas seja; e que estes pobres rabiscos possam dar uma achega a quem condignamente homenageie tão ilustre Sacerdote.

Monsenhor Pedrosa nasceu às 4 horas da manhã de 12 de Dezembro de 1881, no lugar de Talhos, freguesia de Rio Tinto, Esposende, e foi baptizado dois dias depois, em 14, na igreja paroquial da mesma freguesia.

Merece especial referência a formação cristã desta família em não dilatar a entrada do seu filhinho no Grémio da Igreja;

por certo que Monsenhor Pedrosa muitas vezes teria aludido a esta atitude de seus pais, como exemplo a seguir!

Estou plenamente convicto (seja-me lícito aproveitar o momento para o dizer) de que o 1.º centenário do seu nascimento, a ocorrer em Dezembro próximo, será solenemente comemorado. Porque se trata de um dos filhos mais ilustres de Esposende, e porque a vida religiosa desta região lhe deve imenso, não se deverá constituir uma Comissão que, sob a orientação do Sr. Arcipreste, possa programar e organizar a homenagem a que Monsenhor Pedrosa tem incontestável direito? É que a riqueza da sua vida exige condigna comemoração!

Era filho de José Lopes Balazeiro e de Teresa de Jesus Pedrosa, neto paterno de Manuel Lopes Balazeiro e de Ana Serra, e materno de Manuel José Pedrosa e de Maria Fonseca.

Foram padrinhos o tio materno P.º Domingos José Pedrosa e Feliciano da Fonseca Pedrosa.

Não conheci o P.º Domingos Pedrosa; mas lembro-me de ter ouvido referências muito elogiosas e respeitosas à sua encantadora simplicidade, profunda humildade e devotado zelo à Igreja. Não será de supor que o Padrinho haja acompanhado e influenciado os primeiros anos da vida do afilhado, dado que em Monsenhor Pedrosa tanto refulgiam as mesmas virtudes? Sirva este pormenor para de novo salientar o ambiente cristão da família de Monsenhor Pedrosa.

Frequentou os Seminários de Braga (lamento ignorar pormenores da sua vida estudantil, certo estou que algo haveria a merecer elogiosa referência), e foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, em 19 de Dezembro de 1904, celebrando a sua primeira missa no Sameiro em 21 do mesmo mês. É curiosa a circunstância de entre a ordenação sacerdotal e a primeira missa ter mediado o mesmo lapso de tempo que entre o nascimento e o seu Baptismo. Mera coincidência, ou especial significado?

Passou depois a exercer o munus de professor e prefeito no Colégio de S. Tomás de Aquino, Braga, até 1911, ano em que o Colégio encerrou por motivo da situação política vigente. Quando algum tempo depois o Colégio reabriu, Monsenhor Pedrosa permaneceu em casa da família até ao findar de 1913, data em que foi nomeado Vigário Cooperador de Cristelo, Barcelos.

Por carência de dados concretos não é possível precisar a data em que Monsenhor Pedrosa foi nomeado Vigário Cooperador de Cristelo; não me parece porém desacertado supor que haja sido em fins de 1913, uma vez que o primeiro registo por ele lavrado em Cristelo (o de um Matrimónio) tem a data de 1 de Janeiro de 1914. O abade António José Ferreira estava quase de todo cego; portanto é muito natural que do arquivo paroquial constasse o efectivo exercício das suas funções, se a nomeação fosse muito anterior a essa data.

Há ainda uma outra circunstância a referir em favor desta suposição.

Monsenhor Pedrosa era na verdade uma pessoa muito distinta, culto, ilustrado, de finíssimo trato, conversação atraente, apresentação fidalga, palaciana; não é pois de surpreender que se tornasse visita muito estimada de uma illustre Família portuense que passava os meses de veraneio na sua rica vivenda de Fão. Foi através do P.^o Miguel Pimenta, das Necessidades, cunhado de um senhor residente em Fão e visita assídua da casa, que Monsenhor Pedrosa travou amigos conhecimentos com essa Família. No Verão de 1912 ou 1913 não raras vezes tomou parte activa em alegres convívios e passatempos acompanhando ao piano um sexteto exclusivamente familiar. A disponibilidade de Monsenhor Pedrosa para tais relações sociais faz supor que ainda não tivesse assumido o dever pastoral em Cristelo. Não lho permitia a sua escrupulosa consciência!

Foi nomeado pároco da vila de Esposende em 30 de Junho de 1917, mas somente nela deu entrada em 19 de Agosto. Qual o motivo da demora em iniciar a vida paroquial?

Monsenhor Pedrosa havia-se afeiçoado de forma muito significativa à freguesia de Cristelo. Ao pároco, que o considerava como *luz dos seus olhos*, e que não perdia toda e qualquer oportunidade para publicamente se mostrar reconhecido ao Senhor pela graça do auxiliar que lhe deu; ao povo, que o admirava e lhe dedicava o maior respeito e grande estima. Dizia Monsenhor Pedrosa que o velho e santo Abade o tratava como um filho muito querido, e por isso tinha muitas saudades, desse tempo da sua vida. Daí que só com muita relutância se curvasse perante a ordem superior. Desligar-se de Cristelo, onde de facto se manteve até 13 de Agosto de 1917, data do último

registo feito como Vigário Cooperador (registo de um Baptismo) significou para si um grave problema de consciência.

O começo da sua vida em Esposende foi clara manifestação de uma alma toda de Deus.

Era então bem difícil a vida paroquial, e Esposende, longe de constituir excepção, apresentava-lhe o negrume das maiores dificuldades, motivadas sobretudo pela transformação política.

Um dos párcos da vila teve que emigrar para o Brasil, em circunstâncias de odiosa perseguição; um outro, aliás muito virtuoso e piedoso, não satisfazia, talvez porque santos da porta ... Por isso Monsenhor Pedrosa, além da dúvida e indiferença com que foi recebido, teve de enfrentar uma trilogia (palavras suas) que por vezes lhe ocasionava um certo desânimo: *Fome, frio e brio*.

Fome — A primeira cõgrua recebida foram 7\$000.

Frio — As almas andavam arredadas da igreja.

Brio — A vaidade de paroquianos da vila era demasiado exigente.

Dizia-se então: outro qualquer que não Monsenhor Pedrosa tinha efectivamente desanimado.

Como sempre acontece com *as grandes almas*, que nas contrariedades jamais deixam de reconhecer o auxílio divino, assim a Monsenhor Pedrosa não faltou o providencial amparo e conforto nesta tão preocupante fase da vida, graça que o Senhor lhe prodigalizou através da Mãe e de sua irmã gémea Amélia. A Mãe que materialmente o ajudava dizendo que o fazia como se tivesse na sua casa mais um jornaleiro a sustentar; e a *Irmã*, a dedicadíssima companheira de sempre, alma de escol, e de quem Monsenhor Pedrosa afirmava que tinha *melhor cabeça* do que ele e por isso o completava.

Começa então a zelosíssima acção pastoral de Monsenhor Pedrosa a transformar a vida espiritual de Esposende, como veremos.

A grande preocupação de Monsenhor Pedrosa nos primeiros anos de párcos manifestou-se inteiramente na recristianização das almas, dedicando o melhor da sua acção em fomentar a vida de piedade, que considerava base essencial de sólida formação cristã e razão de ser de frutuoso apostolado.

Metódico em toda a sua maneira de ser, rigoroso no pontual cumprimento dos seus deveres, paciente em aguardar

e atender as almas, vida intensa de oração, exemplo edificante de profunda fé, palavra convincente, solenizando sempre os actos do culto com um grupo coral que ensaiava e acompanhava a harmónio, de molde a atingir toda a assistência, assim foi Monsenhor Pedrosa derretendo o gelo espiritual que encontrava. Homem de Deus, para Deus vivia e fazia viver.

À Confraria do Santíssimo Sacramento e ao Apostolado da Oração dedicou particular e permanente assistência, fazendo de seus membros os melhores e mais valiosos colaboradores do pároco. Que belíssimos exemplos de virtude e santidade seria de referir neste campo da actividade de Monsenhor Pedrosa!

Depois e sempre cada vez mais desejoso de intensificar a vida cristã, promoveu a aquisição da formosíssima imagem da Padroeira — *Santa Maria dos Anjos*.

A nova imagem foi conduzida da Capela da Senhora da Saúde para a igreja matriz em entusiástico cortejo no dia 3 de Janeiro de 1920, benzida às 15 horas do dia 4 e festejada com deslumbrante solenidade no dia 6, tendo pregado nos quatro dias festivos o Cónego Correia da Silva, eleito Bispo de Leiria, no dia 15 de Maio seguinte. Foi uma festa muito solene e sobretudo piedosa e fervorosa, a encher de alegria o coração do apostólico Pastor! Monsenhor Pedrosa dedicava carinhoso e terno amor à gloriosa Padroeira, apontando-A como lema seguro em ordem à salvação, sempre que vinha a propósito. Quando um dia o Núncio Apostólico em Lisboa, Monsenhor Sebastião Nicotra, visitou ocasionalmente a igreja matriz, Monsenhor Pedrosa chamou-lhe a atenção para a imagem da celeste Padroeira; e o Núncio, encantado com a sua formosura, concedeu 200 dias de indulgências a quem devotamente Lhe rezasse uma Avé Maria. Não é possível traduzir a alegria então sentida por Monsenhor Pedrosa!

Em 25 de Junho de 1922 concebeu, programou e realizou a Festa do Corpo de Deus a nível arceprestal. Todo o Clero, Confrarias do Santíssimo Sacramento com as suas cruces e insígnias e numerosíssima multidão em bem organizada procissão, proporcionaram uma grandiosa manifestação de fé jamais vista nas ruas de Esposende.

Monsenhor Pedrosa fundou as Conferências de S. Vicente de Paulo, Homens e Senhoras, inculcando entre os seus membros

uma intensa vida activa de caridade cristã e meritória bene-
merência, para o que muito contribuía a sua presença nas reu-
niões com o conhecimento directo que tinha dos pobres e
doentes a quem sem excepção visitava e tantas vezes mate-
rialmente socorria.

D. Manuel Vieira de Matos, no decreto de 25 de Janeiro
de 1916, que determinou a nova divisão administrativa da
Arquidiocese, criou o arceprelado de Esposende, e encarregou
interinamente da sua direcção o P.^o António Gomes Torres,
Reitor de Forjães, que exerceu o cargo até ao seu falecimento
ocorrido em 11-11-1918. Monsenhor Pedrosa foi nomeado
Arcepreste de Esposende em 22-11-1918. Será forçada conclu-
são afirmar que Monsenhor Pedrosa foi o primeiro Arcepreste
de Esposende?

Eram nessa altura muito conturbados os tempos vividos
no arceprelado, devido à remoção dos *párocos colados* de Fão,
Marinhas e Belinho, e à nomeação dos respectivos substitutos.
Recordar o que então se passou seria longo e fastidioso. Foram
dois anos de lutas tremendas, onde não faltou toda a espécie
de maldade, desde o insulto à bomba. Seja porém lícito referir,
como preito de inteira justiça, que a Monsenhor Pedrosa se
deve o maior quinhão no apaziguamento religioso do Arce-
prelado. Denodado e valoroso defensor dos direitos e dis-
ciplina da Igreja, prudente e firme conciliador, foi notável e
eficiente a sua intervenção numa célebre reunião realizada em
Esposende no dia 27 de Fevereiro de 1921, entre o represen-
tante do Prelado — Senhor Cónego Martins Júnior, e o Admi-
nistrador do Concelho Jaime Lopes Pereira e mais dois *auto*
denominados republicanos, todos três de Fão; e ao fim de longa
discussão ficou vincadamente mantida a nomeação dos novos
párocos. Foi esta reunião a causa próxima do termo de uma
inglória luta religiosa, graças à firme e determinada orientação
de Monsenhor Pedrosa.

Monsenhor Pedrosa foi arcepreste de Esposende durante
52 anos; pois em tão largo lapso de tempo todo o Clero do
arceprelado, sem excepção, lhe dispensou incondicional res-
peito, a maior estima e lealíssima colaboração. Orgulhava-se
do seu arceprelado; falava dele com manifesta alegria sempre
que vinha a propósito, dizendo que o *seu Clero* constituía uma
família muito unida, mas desviando de si mesmo, com a sua

singular modéstia, a verdadeira razão dessa união, efectivamente a ele devida segundo a geral e uniforme afirmação do mesmo Clero.

Eram sempre agradáveis e proveitosas as reuniões do Arcipreste com o Clero, quer em sessões de trabalho, quer em momentos de fraternal convívio. Em tudo igual a si próprio, considerava-se apenas um colega, que não legítimo representante da Hierarquia; e tinha sempre uma palavra de decisiva mas caritativa orientação, ou limitava-se a um característico e expressivo silêncio, quando, sem quebra doutrinal, julgava preferível não manifestar desacordo, para delicadamente não contradizer ou ferir alguém. Belíssimos e saudosos tempos!

Monsenhor Pedrosa não era de facto um empolgante orador, no sentido rigoroso do termo; era sim um conferencista muito ilustre e muito ilustrado, de palavra simples mas incisiva, exprimindo-se num estilo muito próprio, em tom de conversa familiar, rigorosamente preciso na lógica apresentação da doutrina, elevado na forma, mas tendo sempre em vista a boa e geral compreensão dos seus ouvintes. Li que terão sido 5000 as suas pregações, e por isso poucas igrejas do norte do País teriam ficado privadas de ouvir a sua apostólica e frutuosa palavra.

Um caso entre tantos outros. Monsenhor Pedrosa pregou na cidade de Guimarães uma missão de 15 dias, juntamente com o saudoso P.^o Francisco Cubelo, e foi-lhe confiada uma semana de conferências só para homens em S. Francisco; a vasta igreja enchia-se para o ouvir; pois eram gerais e muito elogiosas as referências ao notável Conferente e as felicitações ao respectivo Pároco pela escolha de tão ilustre Sacerdote. Que consolador resultado espiritual proporcionou na cidade este apostólico trabalho! É de referir, como expoente da sua vida sacerdotal, que Monsenhor Pedrosa fazia a preparação próxima da pregação ajoelhado durante largo tempo aos pés do Crucifixo, numa atitude edificante para quem o testemunhou.

Ao fim de alguns anos a residir em casas alugadas (Largo Tomaz de Miranda, Rua 1.^o de Dezembro e Largo Rodrigues Sampaio) conseguiu a construção de uma excelente residência paroquial, obra que lhe custou muito trabalho, canseiras e sacrifícios. Porque os párocos do *seu* arciprestado prestassem valioso auxílio na realização de um grande sorteio que pro-

moveu, Monsenhor Pedrosa dizia-lhes com graça: todos vós tendes nesta casa direito a um merecido e justo repouso.

Em 19-12-1954 o Clero e as mais ilustres personalidades do concelho comemoraram festivamente as Bodas de Ouro Sacerdotais no Hotel Suave-Mar; e quando Monsenhor Pedrosa se levantou para agradecer a homenagem e se referir ao «*exagero*» dos brindes ouvidos, só cuidou de apoucar a sua pessoa, para tudo atribuir ao Senhor, de Quem apenas procurava ser humilde servo.

Em 12-12-1961, ao comemorar os 80 anos, todo o Clero do arceprelado lhe prestou uma inesquecível homenagem, a que no final se associou o seu devotadíssimo amigo e admirador D. Francisco Maria da Silva. Que belíssima lição espiritual deu na Basílica do Sameiro aos *seus* Padres e que profundos conceitos expressou no final do almoço ao agradecer a homenagem! Mais uma vez o grande Mestre de sempre!

Foi nomeado Prelado Doméstico de Sua Santidade (Monsenhor) em 11-12-1964, justíssimo galardão da Igreja que tão dedicadamente serviu. Ao ser revestido das vestes prelatícias disse humildemente: — «*isto não é meu, que não mereço; só ao Senhor pertence*». Se é verdade o rigoroso significado da frase, não é menos verdade a justiça da honra concedida, porque Monsenhor Pedrosa foi de facto um proeminente servidor da Igreja. A sua vida de Padre exemplar, de Pároco zelosíssimo, de Pregador apostólico, de Arcipreste modelar, justifica a pleno a graça recebida.

Monsenhor Pedrosa viveu 45 anos de pároco e os 52 de arcepreste em constante e intenso labor, nos variados campos da sempre apostólica actividade; a sua figura hierática nunca faltava em tudo que significasse *serviço de Deus e glória da Igreja* — o seu pensamento dominante até mesmo nas relações humanas e sociais. Sempre viveu e trabalhou para Deus, com Deus e em Deus — ideal sublime que o norteou e o levou a preparar santamente a morte, ocorrida às 2,40 horas de 16 de Março de 1970.

O seu funeral foi a grandiosa manifestação das suas excel-sas virtudes e a confirmação de quanto era querido do Prelado, de muitas dezenas de sacerdotes e grande multidão numa sentida presença às impressionantes exéquias celebradas; se o corpo estava inerte, a bela e santa alma de Monsenhor Pedrosa

enchia a *sua* igreja e os corações de quantos ali se encontravam a chorar saudosamente a partida para a eternidade e a cantarem com Ele as alegrias do Céu.

Seguidamente, em grande cortejo de amizade, foi o cadáver trasladado para o cemitério de Barqueiros-Barcelos e sepultado em jazigo de família.

Uma última nota. Tudo quanto fica escrito é motivado pelo desejo de não deixar desaparecer no pó do tempo pormenores apenas retidos na memória de uma bem acentuada velhice, e manifestar gratíssima amizade. A ilustre personalidade de Monsenhor Pedrosa exige um publicista que não sou; por isso terão inteira desculpa as minhas muitas deficiências detectadas.¹

P.º Avelino Pinheiro Borda

¹ Cfr. «Nascer de Novo» de Julho Agosto, Setembro e Outubro, 1981.

Notas Complementares

Depois do resumo biográfico da autoria do Sr. P.^o Avelino Borda, publicado no boletim inter-paroquial «Nascer de Novo», sob o título «Sacerdotes de ontem — Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa», poderíamos concordar que estava dito o essencial. Todavia, como homenagem pessoal e para deixarmos um trabalho o mais completo possível, vamos destacar alguns pormenores da vida de tão ilustre Sacerdote, que reputamos dignos de realce e reveladores da sua inconfundível personalidade.

Dividiremos este nosso modesto trabalho nos pontos seguintes: rumo ao sacerdócio, acção pastoral, vida particular, homenagens e caminhada final.

Rumo ao Sacerdócio

No *Arquivo Distrital M. 66, 1899 - Rio Tinto*, encontrámos os autos de inquirição «de genere» de Monsenhor Pedrosa. Estes autos tiveram início aos 24 de Novembro de 1899 e foram secretariados pelo P.^o António Augusto Gomes da Costa. Deles consta uma certidão de baptismo do candidato ao sacerdócio passada pelo pároco de Santa Marinha de Rio Tinto, P.^o João José Gonçalves, aos 8 de Novembro de 1899, e, com a mesma data, uma certidão de casamento dos pais do ordinando, realizado aos 12 de Setembro de 1864, na igreja de Rio Tinto. Neste assento de casamento diz-se que o noivo tinha vinte e sete anos e a noiva dezanove. Serviram de testemunhas (ou padrinhos) o P.^o António Luís da Costa Pedrosa, natural de

Rio Tinto, e António José da Costa Faria, de Vila Seca, tendo abençoado o casamento o P.º Domingos José Pedrosa.

Seguidamente vemos o mandato de Inquirição de quatro testemunhas, em duas folhas impressas, com a assinatura de D. Manuel Baptista da Cunha e datado de 24 de Novembro de 1899. Este mandato foi dirigido, para execução, ao Abade de Gemeses, P.º José Manuel de Sousa, que, tendo aceite o cargo de commissário, escolheu como secretário, o clérigo «in minoribus» Joaquim Alexandre Gaiollas, da freguesia de Palmeira do Faro.

Ambos assinaram o «termo de juramento» com a data de 6-12-1899.

Segue-se o termo de assentada, onde foram ouvidas quatro testemunhas, a saber: Domingos de Oliveira Gomes, lavrador, de sessenta anos de idade; Manuel José Ribeiro da Costa Faria, lavrador, de 54 anos; Manuel José dos Santos, alfaiate, de sessenta e quatro anos, e António Gomes Farinhas, lavrador, de sessenta e cinco anos, todos de Rio Tinto, por cujo pároco haviam sido escolhidos, conforme documento a ele enviado pelo Arcebispo Primaz, aos 24 de Novembro de 1899.

Os seus depoimentos são unânimes e neles se diz que o «justificante é filho legítimo, havido de legítimo matrimónio e por todos como tal reputado», que é neto paterno de Manuel Lopes Balazeiro, natural da Casa dos Balazeiros, da freguesia de S. Cristóvão de Rio Mau (lugar do Seixo, como diz na certidão de casamento), e de Ana Serra ou Ana Joaquina, natural da Casa dos Fontainhas, da freguesia de S. Pedro de Rates, ambos falecidos em idade avançada; e neto materno de Manuel José Pedrosa, natural da Casa dos Pedrosas, desta freguesia de Rio Tinto, e de Maria Luísa da Costa ou Maria da Fonseca, natural da Casa do Casal, da freguesia de S. Tiago de Vila Seca, ambos falecidos, ele na idade aproximada de setenta anos e ela na de sessenta e seis anos.

Depois do termo de encerramento vem um documento do pároco de Rio Tinto a dizer que cumpriu quanto lhe fora ordenado e colheu todas as informações pedidas e úteis.

Finalmente vem o auto de conclusão do processo, com a devida aprovação do Arcebispo Primaz, datado de 16 de Dezembro de 1899.

Pelos documentos constantes deste processo vemos que Monsenhor Pedrosa é descendente de quatro casas de proprietários que, acima dos seus bens materiais, tinham a superior riqueza das virtudes morais e cristãs, pelas quais se apresentavam como verdadeiros baluartes do Evangelho nas suas paróquias. Geralmente era destas famílias que surgiam muitos sacerdotes para a Santa Igreja. Deste modo, Monsenhor Pedrosa tinha dois sacerdotes na família: o P.^o António Luís da Costa Pedrosa e o P.^o Domingos José Pedrosa, tio e tio-avô, respectivamente.

Qual dos dois era o «grande orador» de que nos fala o Dr. Teotónio da Fonseca, no seu livro «Divagando»¹? Supomos tratar-se do P.^o Domingos José Pedrosa.

Embora já na doença final, Monsenhor Pedrosa teve ainda a felicidade de assistir à missa nova de seu sobrinho-neto, P.^o Cândido Carreira Pedrosa e Silva, actual pároco de Aguçadoura-Póvoa de Varzim.

No santuário de tão edificante família comungou da amizade fraternal de mais cinco irmãos: António Augusto, Maria Filomena, Maria Feliciano, Amélia Adelina (gémea com o nosso homenageado Adelino Maria) e José Celestino. Este amor desvelado e extremoso entre pais e seis filhos continuou durante a frequência do Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga, e durante toda a vida, sem conhecer o seu termo ou qualquer enfraquecimento.

Assim preparado pela família como verdadeira e insubstituível escola de virtudes humanas e cristãs, bem como o melhor ambiente propício ao florescimento das vocações, apoiado ainda pelo exemplo influente de dois sacerdotes familiares, o jovem Adelino Maria abraça a vida sacerdotal aos 19 de Dezembro de 1904.

Ação Pastoral

As tarefas apostólicas do P.^o Adelino Pedrosa começaram pelo Colégio de S. Tomaz de Aquino, em Braga, onde fora

¹ Cfr. «Divagando» — Teotónio da Fonseca, Barcelos — 1981, pág. 55.

prefeito e professor de História, Português e outras disciplinas. As suas qualidades de sacerdote e pedagogo moldaram a personalidade de centenas de jovens que ainda hoje recordam, saudosos, os paternais conselhos de tão prestigioso mestre. Quando em 1911 o Colégio encerrou por motivos políticos, retirou-se para casa de seus pais até 1913, data em que foi nomeado Vigário Cooperador de Cristelo-Barcelos. Durante a sua permanência em Braga foi ainda Capelão na Casa da Viscondessa de Nespereira (Solar dos Biscaínhos), cuja família jamais deixou de ver nele um sacerdote amigo.

Aos 30 de Junho de 1917 era nomeado pároco de Esposende, onde dava entrada aos 19 de Agosto, dia em que esta vila faz anos e dia em que Nossa Senhora aparecia em Fátima (Aljustrel) pela quarta vez.

Era um domingo.

Um jornal da terra¹, sob o título «Novo Pároco» dizia: «Toma hoje posse do cargo de pároco da nossa vila, o Rev.^{do} Adelino Maria Lopes Pedrosa ... O novo pastor, dizem-nos ser um sacerdote exemplar, inteligente e cumpridor dos seus deveres».

A espinhosa missão agora assumida, seria facilitada pela Virgem Santíssima, padroeira desta vila, e a quem Monsenhor Pedrosa dedicava uma profunda devoção.

Consciente de que o sacerdote há-de ser o homem da Palavra, do Pão e do Perdão, concentra toda a sua atenção na evangelização da comunidade cristã. Começando pelas crianças, logo em Novembro de 1917 deu-lhes um «Passeio Catequístico» até ao Forte da Barra, oferecendo-lhes um magusto. Em 1918 foram de abalada, até ao lugar do Monte, nas Mari-nhas, onde as 130 crianças presentes tiveram uma merenda oferecida por D. Maria Fernandes Lopes de Faria. Esta iniciativa iria repetir-se, todos os anos, sendo a concentração em Góios, no largo de S. Roque. Foram ainda promovidos *Certames Catequísticos*, alguns realizados no Souto de Nossa Senhora da Saúde, com participação de inúmeras crianças da vila e do arciprestado, com distribuição de prémios pelos vencedores. Com que saudade as pessoas falam nestes encontros

¹ «O Cávado», n.º 6 de 19-8-1917.

e como descrevem o entusiasmo e a vibração do coração zeloso e da alma apostólica de Monsenhor Pedrosa!

Talvez com menor êxito, não descurou a evangelização dos adultos, aproveitando os sermões das festas, os sermões quaresmais, os retiros e os tríduos do Coração de Jesus. As suas homilias surgiam sempre repletas de ensinamentos do Evangelho, e também de história nacional. Em Abril de 1956 organizou mais um retiro de jovens da região, orientado pelo Cónego Apolinário, e que teve lugar no Chalé Viana, cedido pelos Padres Jesuítas, das Caldinhas. Os oradores dos tríduos do Coração de Jesus eram de tanta nomeada e despertavam tanto interesse, que não raro se viam nas práticas as pessoas mais influentes do meio, como magistrados, etc., por algo frios que fossem.

Nas devoções do mês de Maria, das Almas, de S. José e do Coração de Jesus, e ainda nas novenas, nunca deixou de fazer uma catequese de adultos, eficiente e integral, continuada no confessionário, na direcção espiritual, visitas a doentes, etc.

O resultado deste trabalho em profundidade aparece concretizado em algumas vocações, das quais destacamos o P.º António M. Meira Marques Henriques, ordenado em 1976 e cujo ingresso no Seminário se ficou a dever a Monsenhor Pedrosa, e a Irmã Maria Paulina, que fez profissão religiosa na Congregação das Irmãs Missionárias de S. José de Cluny, aos 13 de Abril de 1934.

Sendo a devoção mariana um caminho eficaz para o encontro pessoal da Fé, Monsenhor Pedrosa aproveitou, sabiamente, todas as festividades marianas e organiza, com esmero, a Coroação de Nossa Senhora de Fátima, em 8 de Junho de 1947.

À devoção das primeiras sextas-feiras, apenas faltou quando do falecimento de sua mãe.

Porque na Eucaristia temos um ponto de convergência e de irradiação, vemos Monsenhor Pedrosa empenhado em dinamizar a Festa do *Corpus Christi*. Em 1921 promoveu a solene Procissão do Corpo de Deus, com uma banda de música e muito povo da vila e do concelho. Durante a semana precedente houve práticas preparatórias por Monsenhor Pedrosa, P.º António Alves Nogueira e P.º Francisco Cubelo Soares.

Todo o clero do concelho se incorporou nesta procissão, que os jornais da época diziam ter sido a mais bem organizada de que havia memória em Esposende, dando rasgados elogios ao Reitor da vila, que havia sido incansável a dar o maior esplendor a esta festa.

A mesma procissão do Corpo de Deus voltou a repetir-se, com a máxima pompa, em 25 de Junho de 1922, e ainda em 1935 e 1939.

Estas procissões tinham ainda o mérito de criar e consolidar o sentido de unidade, nos cristãos e no arceprelado.

Em Janeiro de 1936 funda-se, em Esposende, a Acção Católica. É aqui que o zeloso Pastor vai concentrar a sua alma de apóstolo a formar um verdadeiro escol de jovens, de ambos os sexos, que ainda hoje estão a dar brilhantes provas da sua preparação cristã. Por eles vemos, à evidência, o enorme benefício dos quadros deste movimento, que foi, sem dúvida, o melhor trabalho da Igreja no século XX. Quanto tempo dispendido em reuniões e concentrações, mas quantos resultados! Recordamos, apenas, a grande concentração em Esposende, aos 7 de Julho de 1940, com mais de novecentos jovens de Vila do Conde, Póvoa e Esposende, em que falaram Maria Helena Vieira de Barros Lima, sobre «*Formação intelectual da militante em ordem ao Apostolado Catequístico*» e Maria Cândida Ferreira Rodrigues de Areia, sobre «*A Acção da Militante na Catequese Paroquial*». E ainda seria de recordar a grande concentração concelhia da juventude, aos 27 de Agosto de 1944, na qual se fez a primeira consagração do concelho ao Coração Imaculado de Maria, estando presente o Senhor Arcebispo Primaz.

A fim de preparar a Visita Pastoral, teve lugar, em Novembro de 1950, uma Missão Religiosa, sendo um dos oradores o P.º Dr. Luís Castelo Branco.

Esta obra de evangelização era corporizada na acção caritativa. Em 24 de Maio de 1925, sob as bênçãos de Maria, fundou as Conferências Vicentinas. Se foi meritória a sua fundação, não seria menos valiosa a sua sustentação com tão grande vitalidade. Em tempo de tanta miséria, quanto alívio repartido, quanta fome saciada, quanta consolação e alegria em remédios e agasalhos!

«Sangro pelos pobres nossos irmãos, choro a sorte dos farrapões das ruas e quero restaurar o que a sociedade estragou», são palavras do P.^o Américo, que Monsenhor Pedrosa fez suas, quando congregou e formou um grupo de paroquianos decididos a construir as sete Casas do Património dos Pobres. As três primeiras foram inauguradas aos 18 de Dezembro de 1954, com a presença do Arcebispo Primaz, tendo Monsenhor Pedrosa feito, na sessão desse dia, o historial da obra benéfica das Conferências Vicentinas.

Depois de ter procurado desenvolver a simpática instituição do *Pão dos Pobres de Santo António* em 1925, não deve ter ficado alheio à iniciativa das senhoras de Esposende que desde 1936 por diante trabalharam com uma *Creche da Sagrada Família*, nem à *Sopa dos Pobres* que funcionou em 1937 e 38, por iniciativa do P.^o Manuel de Sá Pereira, Presidente da Câmara.

Na parte material fez tudo quanto foi possível para a sua época. Realizaram-se obras de conservação nas Capelas e na Igreja Matriz, sendo de salientar, pelo ano de 1930, a colocação de azulejos nas paredes da capela-mor e a remoção de paredes nos arcos desta para as capelas laterais. Mas a obra material de maior vulto viria a ser a construção da Residência Paroquial, cuja obra de pedreiro foi entregue em 1934, e a de carpinteiro e trolha por 1935 e 36.

A todo o trabalho paroquial devemos acrescentar as tarefas a nível arciprestal e arquidiocesano, bem como as muitas pregações por terras distantes.

Nos seus 52 anos de arcipreste foi sempre o dinamizador de todas as actividades, fazendo de Esposende o primeiro dos vinte e três arciprestados da Arquidiocese.

Colaborou nas Visitas Pastorais ao arciprestado feitas por D. Manuel Vieira de Matos em 1927, por D. António Bento Martins Júnior em 1944 e 1950, por D. Francisco Maria da Silva em 1960 e por D. Manuel Ferreira Cabral em 1965. Até 1960 as Visitas eram diárias, e, para evitar a deslocação contínua à sede da Arquidiocese, o Sr. Arcebispo hospedava-se na residência do Arcipreste.

Em 1951 e 1960 teria tido trabalhos relevantes, e sem dúvida extenuantes, nas Visitas da Virgem Peregrina.

Em Julho de 1918 participou, como delegado dos párocos deste arceprestado, no Sínodo Diocesano de Braga ¹.

Já Monsenhor e ostentando todas as insígnias de Prelado Doméstico, representou oficialmente o Arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, numa extraordinária concentração de crianças da Cruzada Eucarística do concelho de Vila do Conde (a norte do Ave), que teve lugar naquela vila, por ocasião do Congresso comemorativo do 1.º Centenário do Apostolado da Oração, em 1964-65.

Percorreu todo o norte do país em pregações de tríduos, novenas e sermões de circunstância, tendo sempre o cuidado de não se repetir e de as almas tirarem o máximo proveito para as suas dificuldades actuais e habituais. Às vezes deslocava-se de umas terras para as outras, durante semanas consecutivas, sem vir a Esposende. Nestas andanças serviu-se dos transportes públicos ou carros alugados, dos carros de cavalos, ou mesmo cavalgando, como várias vezes aconteceu quando foi pregar a Cerva-Ribeira de Pena, etc. Para as deslocações menores usou sempre a bicicleta a pedal, que seus pais lhe ofereceram, ou, já na idade avançada, a primeira motorizada que existiu no concelho, oferta do pintor Henrique Medina. Na doença de sua mãe, visitava-a frequentemente, deslocando-se de bicicleta.

Durante vários anos exerceu, ainda, o cargo de professor de Moral, no Colégio de Esposende.

Por ter assistido a alguns fenómenos da vida mística da Alexandrina de Balasar, depusera como testemunha no respectivo processo canónico. Deste longo depoimento, e dada a sua idade, veio a queixar-se de um certo cansaço.

Vida Particular

Uma vida tão plena de actividades só poderia ser eficiente na fidelidade a um método de trabalho e na obediência total a um programa a realizar. Também isto não faltava.

Monsenhor Pedrosa tinha um *modus vivendi* muito pessoal. Levantava-se sempre muito cedo, mesmo no tempo de rigo-

¹ *Sínodo Diocesano de Braga*, pág. 19, Braga, 1919.

roso Inverno. Após uma meditação de cerca de meia hora, ia para a Igreja, muitas vezes para abrir as portas e tocar o sino. Enquanto as pessoas chegavam, rezava de joelhos, diante do Santíssimo, o seu primeiro terço e fazia a sua preparação para a celebração da Santa Missa. Terminada esta, rezava de joelhos por algum tempo, atendendo depois no confessionário penitentes da vila, ou de fora. Depois disto, vinha tomar o pequeno-almoço. Se soubesse que alguém havia adoecido, ia visitá-lo. Como era pessoa muito desprendida de bens materiais, muitas vezes deixava, aos mais pobres, uma oferta escondida debaixo do travesseiro. Se não tinha doentes trabalhava no escritório, ou atendia visitas.

Para se manter actualizado, estudava e lia com frequência, nunca se encontrando, um só momento, na ociosidade. Nos livros litúrgicos ou canónicos, anotava, com prontidão, todas as alterações introduzidas.

Depois do almoço descansava por algum tempo, voltando ao seu estudo ou trabalho de escritório.

Pelo meio da tarde, dirigia-se novamente à Igreja para fazer a Visita ao Santíssimo e rezar o seu segundo terço, de joelhos. O terceiro terço seria rezado depois do jantar, com os familiares. Nunca deixava a recitação do Breviário, mesmo em dias de extenuante serviço. A devoção ao SS.^{mo}, a Nossa Senhora, a S. José e às Almas enchiam toda a sua vida, pelo que imprimia às respectivas devoções a maior solenidade possível. Foi assim que, quando deixou de paroquiar, concentrou todo este zelo na capelinha do Hospital Valentim Ribeiro.

A sua mesa era muito simples. Durante as refeições não gostava de estar só. Queria ter com quem conversar, e tinha sempre assuntos variados e muito interessantes. Era profundo em História. Quando entrava a falar dos políticos da implantação da República e das lutas de então, dava gosto ouvi-lo, pois transformava-se num livro aberto, referindo certos por menores de modo que ninguém seria capaz de igualar.

Tinha uma memória privilegiada, conservando tudo com grande fidelidade.

Gostava muito de receber visitas, com as quais mantinha conversa proveitosa, evitando que lhe tomassem tempo demasiado.

Era sempre muito atencioso, tanto com os familiares como com as outras pessoas.

Sempre igual a si mesmo e quando estava mal disposto, ou irritado interiormente, não o manifestava. Tinha, na verdade, um grande domínio sobre si mesmo. Quando não concordava com alguém, procurava defender os seus pontos de vista, sem magoar o seu interlocutor.

Se alguém lhe aparecia a queixar-se, ou a dizer mal de algum sacerdote, tomava a defesa do acusado, procurando, discretamente, averiguar se haveria ou não fundamento.

Toda esta vida grangeou-lhe enormes simpatias e largas amizades, não só entre o clero como entre pessoas de todos os níveis sociais.

Homenagens

A gratidão a tão ilustre Pastor fora manifestada em várias homenagens.

Aos 19 de Março de 1942 a Corporação dos Bombeiros promoveu-lhe uma homenagem a fim de celebrar as suas Bodas de Prata paroquiais. O articulista de «O Cávado» refere-se ao homenageado nestes termos: «respeitável ... exemplar sacerdote ... de trato afável, tudo realizando dentro daquele espírito cristão — de Caridade e de Amor. Para todos os sacerdotes do concelho é um chefe salvador, prudente e carinhoso; e para os paroquianos um conselheiro e um amigo, que tem cumprido o seu dever»¹.

Neste mesmo jornal, e a propósito da efeméride, encontramos o soneto seguinte:

Bodas de Prata

(do Rv.^{mo} Reitor, P.^e Adelino L. Pedrosa)

*Passa hoje cinco lustros de Pastor
e Conselheiro d'almas, — Sua Reverência
zeloso guia, nobre na indulgência,
a indicar-nos o Reino do Senhor.*

¹ Cfr. «O Cávado», n.º 1134, de 19-3-1942.

*Sua missão canserosa é, na essência,
cheia de espinhos, prenhe de amargor;
e entanto, exerce-a com notado ardor,
intenso brilho e sóbria eficiência!*

*Pastor após pastor, que vem guiando
o rebanho ao pascigo e ao bom redil,
o ínvio e bom caminho lhe amostrando;*

*Há que — este nosso tem razões de sobra! —
ufanar-se, de tornar a sua obra
digna de louvor e de aplausos mil! ...*

Álvaro Pinheiro

Nesta homenagem, e noutras, a Corporação dos Bombeiros agradeceu Monsenhor Pedrosa com várias condecorações, tais como: *Medalha de Serviços Distintos* e *Grande Colar* (único até esta data). Este acto de gratidão, porém, só ficaria completo, quando aos 19 de Agosto — aniversário da sua entrada em Esposende — a Confraria do Santíssimo promovia a homenagem sua e de toda a Paróquia. «A Confraria do Santíssimo, na quarta-feira, promoveu as manifestações a que o P.^o Adelino Pedrosa tinha jus. À parte religiosa assistiu o clero de todo o concelho, constando de Missa Solene, Sermão e Te Deum pela Capela Cantorum, sob a regência do distinto musicógrafo P.^o Alberto Brás.

Após estes actos foi distribuído um bodo aos pobres e procedeu-se ao descerramento de um retrato de Sua Reverência. No Teatro Clube houve uma sessão em honra do homenageado, falando o P.^o Cândido Eiras e Carlos Martins, este por si e como representante da Confraria. Neste momento foi-lhe oferecida uma estola de orador pela Confraria, uma salva de prata pelo clero, e uma floreira pelos paroquianos.

Terminou com um banquete na sala dos Bombeiros» ¹.

Uma segunda grande homenagem surgiu, inesperadamente, em 1949. No mês de Setembro constou que o Sr. Arcipreste teria sido convidado para Director Espiritual do Seminário de Braga, deixando Esposende. Este povo, que tanto o estimava, movimentou-se rapidamente, conseguindo que ele permanecesse

¹ Cfr. «O Cávado», n.º 1155, de 23-8-1942.

no seu meio. Foi o motivo para que no domingo, dia 10 de Outubro, lhe fosse prestada significativa homenagem, pelos 32 anos de pároco desta vila.

De manhã houve Missa Solene, com pregação pelo P.^o Benjamim Salgado, cantando um grupo coral onde estavam integrados os Rev.^{mos} PP. Brás e Borda.

Seguiu-se um almoço no Hotel Suave-Mar, ao fim do qual brindaram o P.^o D. Anselmo Rego, Dr. Mário Tavarela Lobo, Dr. Álvaro do Vale Souto, Prof. Agostinho Nunes Gonçalves, Dr. João de Barros, Dr. José Montenegro (Juiz da Comarca), P.^o Alberto Brás, P.^o Francisco Cubelo, Prof. Carlos Martins e António Maria Santos da Cunha.

Foram recebidas dezenas de telegramas.

*

No jornal «O Cávado» de 9 de Outubro de 1949, o falecido Dr. Alexandre Henriques Torres, publicava um «Brinde», que por constituir e representar um expressivo, insuspeito e original depoimento sobre a personalidade de tão virtuoso Sacerdote, vamos transcrever:

«Recebe hoje V. Ex.^a dos habitantes de Esposende, a melhor condecoração que pode desejar um homem que tem sabido trilhar com raro aprumo e manifesta dignidade o caminho pedregoso da vida que abraçou.

Esta condecoração, a mais alta de todas, não a conquistou V. Ex.^a nos campos fumegantes das lutas homicidas da guerra, nem nos laboratórios, onde o espírito dos homens se queima na busca de elementos destruidores dos povos e das civilizações.

Não saiu dos cadinhos das ourivesarias, nem tem esmaltes ou pedras preciosas que lhe realcem a beleza.

A condecoração que lhe é conferida, pelos seus paroquianos, tem como legenda — a gratidão — e constitue o prémio de longos anos de intenso e desinteressado labor por V. Ex.^a demonstrado no desempenho da sua melindrosa missão de condutor de almas, sempre difícil, e sobretudo, numa época em que as mais ruínas paixões dividem os homens, em holocausto ao materialismo grosseiro que destroça todas as verdades e devora todas as virtudes.

V. Ex.^a não esqueceu que, como disse alguém, o que faz o homem grande e egrégio, o que faz o homem distintíssimo entre os distintos, colossal entre os maiores, não é a grandeza do talento, mas sim a grandeza do carácter.

Ser grande, quando tudo é pequeno, grande é fácil. O difícil é ser grande quando tudo é grande, intrémulo quando tudo vacila; apumado quando tudo baqueia; perseverante no meio da inconsequência; incorruptível em meio da corrupção; ser inteiriço e de bronze quando tudo, digo eu, é fraco e quebradiço.

E V. Ex.^a soube compreender bem a essência destas afirmações, erguendo-se pelo seu proceder a uma altura que nos permite ajoelhar diante da sua nobre personalidade de sacerdote digno, austero e piedoso.

Esposende condecora V. Ex.^a disse eu, com a comenda da sua gratidão imperecível, do seu profundo e sentido reconhecimento do pároco humilde que soube reduzir-se ao exercício único do seu múnus, desprezando e alheando-se de todas as mesquinhas lutas seculares, para se confinar na sua augusta missão de Sacerdote.

Esta condecoração não pode V. Ex.^a, é certo, apresilhá-la nos seus honrados hábitos talares, não pode tornar-se, pela exhibição, alvo dos olhares curiosos das multidões que apreciam os homens pela magnificência da indumentária, esquecendo que as vestes tapam, tantas vezes, os maiores defeitos e os vícios mais detestáveis, como a máscara dos palhaços lhes esconde as ruínas do tempo e as mutilações da velhice.

São milhares d'almas agradecidas que voluntariamente lha tributam, e V. Ex.^a há-de guardá-la, comovidamente, nos escrínios do seu coração, para um dia (e tarde venha ele) a depor nas mãos de Deus como testemunha das suas virtudes na terra.

Eis o meu modesto brinde nesta hora de festa que constituiu uma das mais interessantes páginas da história de Esposende».

*Alexandre Torres*¹

¹ O Dr. Alexandre Torres vivia no Porto, onde era notário, e não podendo comparecer enviou o seu «Brinde».

Como Presidente da Câmara, por quatro vezes, entre 1911 e 1926 (sendo o último no 28 de Maio). Administrador do Concelho (duas vezes, pelo menos), Delegado à Junta de Província do Minho, etc., pôde



*Com crianças da 1.ª Comunhão e Comunhão Solene
Palacete Nélia — 1919 (?)*



*Reunião do Curso Teológico de 1901-1904
Assunção - Santo Tirso, aos 14-9-1938*



Bênção da Cantina da Escola Primária, aos 19-3-1951



Na inauguração do Monumento a A. Correia de Oliveira, aos 30-7-1955

*

Celebrando as Bodas de Ouro Sacerdotais aos 19 de Dezembro de 1954 teve lugar uma nova homenagem, promovida pela Confraria do Santíssimo. A Missa Solene fora abrilhantada por uma *Schola Cantorum* de Braga, sob a direcção do distinto maestro P.^o Alberto Brás. Ao almoço-convívio assistiram várias personalidades, entre as quais destacamos António Maria Santos da Cunha, António Costa Leme (pela Câmara Municipal), todo o clero do arceprestado, etc.

Ao homenageado fora oferecida uma salva de prata.

*

Nesta homenagem, o Clero do Arceprestado ofereceu ao Sr. Arcipreste uma valiosa pasta com um texto e assinaturas, em pergaminho, que passamos a transcrever:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor
P.^o Adelino Maria Lopes Pedrosa
Venerando Arcipreste e dedicado Pároco
da Vila de Esposende:

Surpreendidos pelos ecos das solenidades projectadas para este dia — 19 de Dezembro de 1954 — em comemoração dos cinquenta anos de vida sacerdotal de V. Ex.^a Rev.^{ma}, não podíamos nós — os sacerdotes que trabalham neste Arceprestado e ainda os que, dentro dele, tiveram a felicidade de nascer — ficar indiferentes. E, por isso, aqui estamos junto de V. Ex.^a Rev.^{ma} para, bem unidos, render a Deus, Senhor Nosso, as acções de graças que lhe são devidas por tão assinalado favor

acompanhar o aprumo, distinção, equilíbrio e isenção política como o «Sr. Arcipreste» se comportou em tão conturbada época. De aí a amizade e recíproca admiração entre ambos, pois o Dr. Alexandre Torres — em época anti-clerical e de «Separação da Igreja» — manteve-se sempre fiel e igual, na sua condição de *católico praticante*, para exemplo de muitos que só depois do 28 de Maio retomaram o seu pensar religioso!

e para com a mais viva satisfação, O felicitar pela fidelidade guardada, em tão largo espaço de tempo, à Vontade Divina.

Na verdade férvidos hinos de acção de graças devem subir até ao trono do Altíssimo por O haver chamado ao número dos Seus e enriquecido com aqueles peregrinos dotes, que O impuseram ao respeito, à consideração e estima de Superiores, de iguais e de súbditos.

Os cinquenta anos decorridos em laborioso e fecundo apostolado — no professorado, no púlpito, na Paróquia, no Arciprestado, em todo o glorioso Arcebispado de Braga e por muitas outras terras de Portugal —, são a melhor prova de como V. Ex.^a Rev.^{ma} soube fazer render os preciosos talentos, que Deus Lhe confiou, e que, sem dúvida, Lhe prepararão, assim o esperamos, um lugar de destaque na Pátria Celestial, já que V. Ex.^a Rev.^{ma} a todos quiz dar o admirável exemplo de declinar tudo quanto O podia elevar no conceito e estima dos homens.

Fiéis aos ensinamentos de Jesus — Mestre Supremo — que manda ser grato, a quem nos faz bem, nós os Sacerdotes deste Arciprestado, que tanto devemos às suas altas qualidades e virtudes de bom e amigo colega e de esclarecido e prudente Superior, aqui estamos, com excepção dos encanecidos pelos anos, dos depauperados pela doença e dos detidos pelo forçado cumprimento dos seus deveres, para nos unir a V. Ex.^a Rev.^{ma} no Santo Sacrifício Jubilar, a que vai dar início, e assim dar graças por todos os favores que Deus Lhe outorgou e suplicar, que, a bem dos seus Colegas, dos seus queridos Paroquianos e até dos Católicos deste vetusto Arciprestado, Lhe dilate, por largos anos, a preciosa existência.

Sentimos, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor, tão probremente, Lhe exteriorizar os nossos sentimentos de viva alegria e profunda gratidão e permita que O envolvamos nesta nívea alva que O defenda na Vida e Lhe garanta a salvação e Lhe adornemos o peito com a aurea medalha d'Aquela que, com certeza, Lhe farolizou, desde o berço, o caminho do bem, tornando-O digno, digníssimo, destas homenagens que Lhe prestam os que sabem que V. Rev.^{ma} os tem no coração, onde eles O têm também.

Que, *ad multos* anos, *ad multos* anos, V. Ex.^a Rev.^{ma} continue a ser o íman que nos prenda naquela fraternal união

que, através dos tempos tem sido o apanágio do mais pequenino arciprestado da nossa querida Arquidiocese.

Esposende, 19 de Dezembro de 1954.

O Clero do Arciprestado

- P.º Avelino dos Santos Ribeiro*
- P.º Júlio Dias Cubêlo Soares*
- P.º José da Costa Freitas*
- P.º Manuel Gonçalves Jorge*
- P.º António Alves Nogueira*
- P.º José Pires Afonso*
- P.º André Gonçalves Vasco*
- P.º Carlos Fernandes Garrido*
- P.º Manuel Alberto Gonçalves da Silva*
- P.º Cândido Cardoso Rodrigues*
- P.º Carlos Martins de Lima*
- P.º Benjamim de Oliveira Salgado*
- P.º Francisco Dias Cubêlo Soares*
- P.º Manuel de Faria Borda*
- P.º Luís Martins Capitão*
- P.º Alberto José Brás*
- P.º Manuel Martins Cepa*
- P.º Joaquim Gonçalves Gomes Beirão»*



Um novo gesto de gratidão teria um motivo especial: a melindrosa intervenção cirúrgica a que o Sr. Arcipreste teve de sujeitar-se, no dia 3 de Julho de 1957, na Ordem do Terço-Porto. A operação foi feita por fases, e durante meses esteve bastante mal. Quando em Fevereiro de 1958 foi celebrar missa pela primeira vez, atapetaram a Rua de flores desde a Residência Paroquial até à Igreja Matriz.

Aos 80 anos de idade foi homenageado, de maneira íntima e cordial, pelo clero deste arciprestado, que muito o estimava e admirava. A esta homenagem restricta, veio juntar-se, surpreendentemente, o Arcebispo Primaz, D. Francisco M. da Silva, que o abraçou efusivamente, pois nutria por Monsenhor Pedrosa

uma elevada consideração, visitando-o com frequência para ouvir os seus conselhos ou ponderar a sua opinião.

Porém, a grande homenagem seria prestada quando da sua elevação à dignidade de Monsenhor, ou Prelado Doméstico de Sua Santidade, aos 11 de Dezembro de 1964. A investidura realizou-se aos 17-1-1965.

O jornal da terra ao referir-se ao evento, diz: «A distinção que acaba de Lhe ser conferida foi calorosamente recebida, não só entre nós, como em todo o concelho e na Arquidiocese inteira»¹.

O programa foi o seguinte: 15,30 horas entrada na Matriz onde será lido o Breve Pontifício e imposição das insígnias pelo Senhor Arcebispo ou representante. Missa celebrada pelo novo Dignitário, solenizada por um grupo coral de Braga, seguindo-se um solene *Te Deum* e bênção do Santíssimo.

Na Sessão Solene, realizada na Câmara Municipal, falou pelo clero de Esposende o P.^o João Porto Soares, o Presidente da Câmara e o Rev.^{mo} Cónego Cepa, arcepreste de Viana do Castelo.

Eis o texto do Breve Pontifício:

Paulus VI Pont. Max.

Dilecte fili, salutem et apostolicam benedictionem.

Preces ad nos admotas libenti benignoque animo excipientes, ut singularis in te benevolentiae nostrae testimonium / publice exhibeamus, quippe cum de catholicae rei profectu atque incremento non uno sis nomine bene meritus, te.

Adelinum Mariam Lopes Pedrosa ex Archidicesi Bracharensi / ANTISTITEM URBANUM seu PRAELATUM DOMESTICUM eligimus, facimus ac renuntiamus. / Tibi propterea protestatem tribuimus honoribus, privilegiis et praerogativis utendi, quae ex constitutione praesertim / «InterMultiplices» S. Pii PP. X cum hac dignitate sunt coniuncta.

Datum Romae, apud S. Petrum, die 11 mensis Octobris anno MCMLXIV.

Jl. S. Card. Cicognani

¹ Cfr. «O Cávado», n.º 2232, de 17-1-1965.

*

Paulo VI Pontífice Máximo: Amado filho, saúde e bênção apostólica, atento ao pedido vindo até Nós e recebido de boa e benigna vontade, como singular testemunho da Nossa benevolência para contigo Adelino Maria Lopes Pedrosa, que serviste bem e não só de nome, mas o progresso e o engrandecimento da Igreja Católica, por isso te elegemos, fazemos e proclamamos Antístete ou Prelado Doméstico, com todas as honras, e com o direito de usar todos os privilégios e prerrogativas, como constam especialmente da Constituição «Inter Multiplices» do Papa S. Pio X, conjuntas com esta dignidade.

Dado em Roma junto de S. Pedro, no dia 11 de Outubro de 1964.

Secretaria do Estado de Sua Santidade

Jl. Secretário Cardeal Cicognani

*

Quando em 1968 perfazia 50 anos de Arcipreste, os Sacerdotes deste concelho reuniram-se à sua volta em íntima celebração, aos pés de Nossa Senhora do Sameiro. Seguiu-se um almoço-convívio no Centro Apostólico e a oferta de uma pequena lembrança.

Louvo a Deus por me dar a alegria de participar nesta comemoração.

Caminhada final

Os últimos tempos de Monsenhor Pedrosa foram serenos e calmos. Ora na vila, na Avenida Rocha Gonçalves, ora na Casa do Paço, em Gandra, lá foi vivendo, santamente, os seus últimos dias.

Sua irmã gémea, Amélia Adelina — que sempre lhe fizera uma santa companhia — falecera aos 6 de Junho de 1967.

Nos meses de Verão, passados em Gandra, celebrava na Igreja Paroquial; o resto do ano, passado na vila, celebrava na capelinha privativa do Hospital, à qual se havia dedicado de alma e coração. Quando as forças começaram a faltar-lhe,

requereu a faculdade para celebrar em casa, e se não podia fazê-lo, solicitava que lhe levassem a Sagrada Comunhão.

Foi preparando a sua morte no aspecto espiritual, sem descurar a parte material. Deste modo, além do testamento a sua sobrinha — que tanto carinho e desvelo sempre lhe dispensou — deixou também, para maior clareza, uma *Carta de Consciência*, de que vamos transcrever a sua parte essencial, para meditação e edificação dos nossos leitores.

«... a) A Deus Nosso Senhor peço humildemente perdão, por não ter servido e melhor cumprido os meus deveres, perdão para os meus pecados desde o uso da minha razão, segundo a grandeza da sua Misericórdia; b) à Santíssima Virgem Maria sob a invocação da sua Imaculada Conceição, em cuja oitava nasci e também de Santa Maria dos Anjos em cuja Igreja servi durante quarenta e cinco anos, ao Santo Anjo da minha guarda, à Sagrada Família e a todos os Santos e Santas, que por sua intercessão me alcançaram a graça de bem viver o resto de meus dias e de bem morrer nos braços da Misericórdia do Senhor; c) aos meus Ex.^{mos} Superiores e Ex.^{mos} Colegas, principalmente os deste Arciprestado, de quem conservo gratíssimas recordações e de quem recebi tantas atenções, rogo me perdoem as minhas deficiências e me recomendem nas suas orações; aos meus antigos paroquianos peço me perdoem as minhas muitas faltas de zelo, de omissões, agravos e exemplos desidificantes, englobando também os fiéis de Gandra no meio de quem vivi algum tempo, enfim, a todos os deste Arciprestado de quem recebi tantas provas de imerecida estima; d) não tenho queixas nem ofensas de ninguém, porque se as tivesse a todos perdoaria do fundo da alma; e) aceito resignado a morte e amorosamente aquela que Nosso Senhor me destinar com todos os sofrimentos e dores em desconto de todos os meus pecados e por umas intenções que levo comigo; f) é minha vontade que meu funeral seja modesto, sem coroas ou flores, mas antes orações dos que foram meus amigos e paroquianos ...»

Depois de realçar a dedicação, carinho e amor de sua sobrinha e afilhada D. Maria da Glória e marido, fala de sufrágios.

«Se possível (peço) umas 25 Missas conforme as intenções que tenho e que Nosso Senhor sabe quais são, como pelos meus pais, irmãos, tios, minhas obrigações, os meus antigos paroquianos vivos e falecidos, colegas também vivos e falecidos e pelos que se lembrarem de mim».

Ainda neste capítulo de sufrágios pede a sua sobrinha para, se for possível e algo sobrar após a sua morte, dar «alguma lembrança às Conferências dos Pobres de Esposende (homens e senhoras), ao Hospital e à Confraria do Santíssimo Sacramento».

Tudo foi imediatamente cumprido.

*

Ministrei-lhe a Santa-Unção, que ele mesmo pediu alguns dias antes, e, serenamente, adormeceu no Senhor às duas horas e quarenta minutos do dia 16 de Março de 1970, passando para a presença do Sumo e Eterno Sacerdote. A notícia da sua morte foi referida por: «Diário do Minho» do dia 17, «Novidades» do dia 18, «Voz do Minho» do dia 21, «O Esposendense» do dia 21, Revista «Acção Católica», e «Boletim Paroquial de Esposende» do mês de Abril.

Julgamos vantajoso deixar aqui alguns apontamentos dos comentários que acompanhavam duas destas notícias. Assim, ladeando o título por uma fotografia, dizia o «Diário do Minho»:

«Morreu Monsenhor Pedrosa! ...

Com a sua morte a Arquidiocese perdeu um dos mais destacados servidores e a Igreja um dos mais operosos obreiros.

O clero só não se acha mais pobre porque o sabe junto de Cristo, de cujo sacerdócio participou, e Esposende vê-se sem uma das mais destacadas figuras.

Monsenhor Pedrosa foi um modelo de Homem e de Sacerdote. Como homem viveu intensamente todos os problemas humanos do seu semelhante. Amigo da pobreza, esquecia-se de si para distribuir do que tinha pelos pobres; dedicado aos

doentes nunca faltava à cabeceira da doença com a palavra amiga de conforto e resignação.

Era um sacerdote culto, piedoso, fiel ao seu Prelado, sempre na vanguarda das grandes realizações.

As qualidades humanas de que era dotado fizeram do seu sacerdócio uma encarnação viva e palpável do Evangelho.

Tendo sido um grande orador, nunca deixou de aliar à palavra, o exemplo desmistificado do que se chama um HOMEM BOM, sem adversários ou inimigos.

A acção pastoral do ilustre finado transcende os limites das paróquias que pastoreou e do arceprelado que orientou.

E a atestá-lo aí ficam a Obra das Vocações e dos Seminários, a Imprensa Católica, as Associações e Movimentos de Apostolado e os inúmeros empreendimentos apostólicos, culturais ou sociológicos a que nunca regateou participação.

Homem de carácter ímpoluto, apesar de viver nos anos da sua existência, situações difíceis para a Igreja e para o sacerdócio, nunca entrou em tergiversações ou evasivas, antes com firmeza e educação, venceu sempre, perante a sociedade o ideal que lhe norteou a vida».

No «Boletim Paroquial de Esposende», debaixo do subtítulo «Uma vida ... Um exemplo», dizíamos:

«No limitado espaço deste Boletim não será possível referir, pormenorizadamente, nos seus múltiplos aspectos, toda a vida e toda a acção de Monsenhor Pedrosa. Para prémio de quem tanto trabalhou e para lição e exemplo de quem chega à vida, justo seria que tudo se referisse numa publicação condigna.

Monsenhor Pedrosa, foi, primeiro que tudo, um homem, no sentido pleno da palavra.

Dum trato social finíssimo e delicado, duma educação a toda a prova, duma lealdade sem confronto, duma dedicação pelos outros até ao sacrifício e ao desprendimento total, não é de estranhar que gerasse à sua volta um profundo respeito e uma terna e carinhosa admiração. Quantos se cruzassem na sua vida manteriam por ele as mais gratas recordações.

Era afável, acolhedor, pacificador, bondoso e compassivo. Tal riqueza humana fora em Adelino Maria Lopes Pedrosa

sublimada pela graça do Sacerdócio. Dum cristão perfeito resultará um ministro do Senhor zeloso e santo.

O P.^o Adelino Pedrosa fora um trabalhador incansável na evangelização e santificação das almas.

Orador eloquente, levou a acção da Palavra do Senhor e o influxo do seu exemplo aos mais variados meios e terras do norte do país.

Quanto bem espalhou por toda a partel

Mas é, sobretudo, como pároco desta vila e como arcepreste que ele se realiza.

O fazer muito ou pouco, pode sofrer certa relatividade em atenção ao meio em que se trabalha. Ora Monsenhor Pedrosa fez tudo quanto era possível fazer-se em Esposende.

Entre as obras materiais que realizou salienta-se a construção da Residência Paroquial.

Porém, a sua acção permanente e profunda foi sobretudo a recristianização do meio, o aumento da frequência aos sacramentos e práticas religiosas, a revitalização das associações de piedade ou caridade: Confraria do Santíssimo, Associação do Apostolado da Oração, Acção Católica, Conferências Vicentinas, etc. Todas estas obras revelam a alma virtuosa, o coração generoso e o zelo desmedido do venerando Pastor que durante 45 anos orientou os destinos espirituais desta vila. Tudo nos fala de tão venerando sacerdote; em tudo vemos sinais bem vinculados da sua acção prodigiosa, da sua inteligência fulgurante e esclarecida, da sua vontade firme e do seu coração bondoso e abnegado.

Foi uma luz que brilhou no nosso meio, e, cremos, que ao apagar-se na terra, se acenderá no Céu como estrela de primeira grandeza.

Como arcepreste a sua acção fora vastíssima. Aliando uma sábia prudência a uma caridade verdadeira resolveu todos os problemas (e teve-os bem difíceis) com o melhor proveito para o bem da Santa Igreja, edificação das almas e satisfação dos irmãos no Sacerdócio. Não admira, portanto, que todo o clero o venerasse, mormente o deste arceprestado, que nutria pelo seu «Sr. Arcipreste» a mais profunda estima, admiração e amor.

Em face disto era lógico que o funeral de Monsenhor Pedrosa fosse uma grandiosa homenagem a tão ilustre sacerdote e uma consagração das suas virtudes. Ao lado de muitas cen-

tenas de fiéis, antigos paroquianos e amigos, viam-se cerca de cinquenta sacerdotes que participaram nos sufrágios fúnebres por sua alma.

Reconhecemos o sacrifício de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz em dispor de tempo para tantos e tão espinhosos afazeres, mas quanto bem ficou e quanto lhe agradecemos, a sua visita no dia do falecimento e a sua presença em todas as cerimónias do funeral.

À semelhança do Divino Mestre, assim passara Monseñor Pedrosa a espalhar o bem, a irradiar luz e calor nas almas, nos corações e nas vidas, a trabalhar por um mundo mais humano, mais cristão e mais divino.

O nosso muito obrigado!

Creemos que o Senhor da Vinha lhe terá dado o salário da bem-aventurança donde continuará a velar por esta 'sua terra', por este seu rebanho, que, prasa a Deus, a ele se vá juntar um dia».

A bondade, generosidade, cultura e humildade de Monseñor Pedrosa, fizeram de cada paroquiano um amigo e admirador, que viam nele um modelo ímpar de homem e de Sacerdote. Por isso, no «Diário do Minho» de 17-4-1970, referindo-nos ao trigésimo dia do seu falecimento ainda escrevíamos:

«Celebrar na terra a memória dos mortos, daqueles que mereceram pela sua vida e virtudes exemplares, é um acto de justiça e um perpétuo louvor ao Senhor da vida e da morte ...

Tal foi o que a vila e arciprestado de Esposende fez no trigésimo dia do passamento do Monsenhor Adelino Pedrosa. Ontem, a Igreja Matriz de Esposende encheu-se de povo e clero para sufragar a alma daquele que, pela unção baptismal, os gerou para a Igreja e também, a muitos outros cerrou os olhos para os abrirem à bem-aventurança. A cerimónia presidiu o Rev.^{mo} Arcipreste P.^o Manuel Baptista de Sousa, numa celebração de vários sacerdotes, antecedida de uma celebração exequial, efectuada em vernáculo, em que a assembleia participou activamente».

*

Jacques Leclercq diz acerca do Padre: «é justo que os homens o esqueçam, já que não foi entre os homens que ele ergueu a sua tenda!» Pois Monsenhor Pedrosa não tem sido esquecido, mesmo depois de ter partido para a Tenda do Pai. Têm sido muitos os fiéis que participam nas missas rezadas pela sua alma; muitos aqueles que as mandam celebrar; muitos os que guardam seus conselhos ou suas recordações preciosas; e bastantes os que vão rezar sufrágios junto do seu túmulo.

Os seus restos mortais repousam no cemitério de Barqueiros-Barcelos em jazigo de pedra, construído pelos seus familiares antepassados, no qual lemos esta inscrição, em placa de mármore: «Jazigo do P.^o António Luís da Costa Pedrosa e José Lopes Balazeiro e Família». Depois de um pequeno retrato esmaltado, está aberto sobre a pedra tumular, um livro de mármore, em cuja primeira página vemos: «Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa. Que foi Arcipreste de Esposende durante 52 anos. Nasceu a 12-12-1881. Faleceu a 16-3-1970», e na segunda página podemos ler: «Homenagem de seus sobrinhos de Esposende».

Cremos que com estas notas, acrescentadas ao resumo biográfico com que abrimos esta publicação, fica bastante completa a Biografia de Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa.

P.^o Baptista de Sousa

II

A HOMENAGEM NO SEU I CENTENÁRIO

Visto que a lei da vida é dar-se, servir os outros, o Padre ligando-se a Cristo-Sacerdote e fonte da vida, vive na medida em que se dá. É como que um expropriado por utilidade pública.

Monsenhor Pedrosa entregou-se plenamente à vida religiosa, pastoral, caritativa e material de Esposende, porém, mediante o arceprelado, deu-se também a todo o concelho e a toda a arquidiocese. Tornou-se verdadeiramente o «homem de Deus que para Deus vivia e fazia viver».

Tantos benefícios não deveriam ser esquecidos. A ingratidão não poderia encontrar lugar num povo de coração caldeado pela dureza da vida. A gente da beira-mar é generosa, cheia de fé e de gratidão. Se, em vida, tantas homenagens prestou Àquele que lhe havia conquistado o coração, não poderia esquecê-lo no primeiro centenário do seu nascimento.

Captando todos estes sentimentos, juntamente com a Confraria do Santíssimo fomos delineando os números viáveis de uma homenagem simples e modesta, mas justa e sincera.

Monsenhor Pedrosa seria, pois, homenageado como Sacerdote — e daí a presença do Senhor Arcebispo a prestar homenagem Àquele que foi a encarnação viva das virtudes do Clero deste arceprelado, e como cidadão —, e daí a Câmara Municipal abrir de par em par as suas portas para o cumprimento deste dever.

Deste modo, no dia 12 de Dezembro de 1981, conseguimos realizar o programa seguinte:

- 14.00 horas — Romagem ao Cemitério de Barqueiros-Barcelos;
- 15.00 horas — Sessão Solene nos Paços do Concelho, sendo oradores o Sr. Dr. António Gonçalves Losa Júnior e Monsenhor Alberto Rocha Martins;
- 16.00 horas — Inauguração de uma Exposição Foto-biográfica;
- 16.30 horas — Descerramento de placas toponímicas na Rua que lhe fora dedicada;
- 17.00 horas — Solene Concelebração na Matriz presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz.

*

A morte de D. Manuel Ferreira Cabral e a chuva abundante na tarde do dia 12 prejudicaram, de algum modo, as cerimónias programadas. O Senhor Arcebispo, por exemplo, limitaria a sua presença à concelebração na Matriz, deixando de assistir aos actos restantes, que não obstante foram todos cumpridos.

Eram 14.30 horas quando grande número de esposendenses e não só, rodeavam o jazigo que guarda os seus restos mortais no Cemitério de Barqueiros, e, juntamente com a Corporação dos Bombeiros Voluntários, ali deixavam ramos de flores, como preito de gratidão, enquanto que de todos os corações se elevavam preces de sufrágio ao Senhor.

Às 15.15 horas iniciava-se a Sessão Solene nos Paços do Concelho, aberta e presidida pelo Sr. Eng.º Alexandre Domingos Losa Faria, Dig.^{mo} Presidente da Câmara Municipal, de quem registámos estas palavras: «Abrimos as portas para esta festa centenária de homenagem ao homem simples, que foi pároco de Esposende durante muitos anos. Através da palavra é muito difícil definir, para mim, o Sr. Arcipreste, Monsenhor Pedrosa, porque a simplicidade é extraordinariamente difícil de definir. Ele é para mim a imagem do homem sereno ... do homem simples ... do homem bom.»

Depois de algumas palavras do actual Arcipreste, dizendo da razão de ser desta homenagem e dos actos que a constituíam,

ouvia-se, com inteiro agrado e admiração, os dois oradores da tarde. Enquanto o Sr. Dr. António G. Losa Júnior se referia a uma plêiade de sacerdotes deste concelho que foram grandes nas letras, na vida social, religiosa e pastoral, sendo Monsenhor Pedrosa uma dessas estrelas; o segundo orador, Monsenhor Rocha Martins, desenvolvia de um modo fascinante o seu tema, realçando as virtudes do Homenageado, como Padre ... Pastor ... e Colega.

Vejamos os dois discursos proferidos:

UMA PALAVRA DE SAUDADE

por ANTÓNIO LOSA

(Na Câmara Municipal de Esposende, em 12/12/1981)

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz
Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal
Rev.^{mo} Sr. Arcipreste de Esposende
Rev.^{mo} Clero
Ilustres representantes da Família de Monsenhor
Adelino Pedrosa
Minhas Senhoras e meus Senhores

As minhas primeiras palavras são para V. Ex.^a Rev.^{ma}, Sr. Arcebispo Primaz, em quem saúdo o herdeiro zeloso e fiel depositário do nobre legado dos grandes Prelados de Braga, que foram, através dos séculos, além de garantes da pureza da Fé, o braço forte que apoiou os soberanos na construção e defesa do lar comum, que é este Portugal.

Ao Sr. Presidente da Câmara — nosso jovem anfitrião — devo confessar que não é sem certa emoção que me vejo nesta casa, carregada de história, onde, há séculos, se vem equacionando e buscando solução adequada para os problemas da gente laboriosa que pacientemente vai arrancando ao solo, nem sempre fértil, e ao mar, muitas vezes traiçoeiro, o pão temperado de suor e maresia.

Ao Sr. Arcipreste, que se dignou ir a Braga solicitar-me a interrupção das lides habituais — tão diversas desta que me foi cometida — tenho a agradecer o convite honroso que me

dirigiu e que eu aceitei sem reticências — à parte a limitação do tempo ao mínimo possível de um quarto de hora.

Creio que a razão do meu pedido de redução do tempo facilmente se adivinha.

Na verdade, que poderia eu dizer sobre Monsenhor Adelino Pedrosa que não fosse do conhecimento da illustre assistência que me escuta? Recordar a sua bondade, o seu zelo de pastor, a sua vastíssima cultura, que teimou sempre em ocultar-se sob a capa da modéstia e da simplicidade, que a todos prendia e encantava? O seu peregrinar, semeando por toda uma província a palavra do Evangelho, simples, directa, envolvente? Mas quem o ignora? Quem pôde esquecê-lo?

Porém, o que mais me preocupou durante estas semanas, em que, nos poucos momentos de lazer em que as ocupações profissionais me libertaram o espírito para a meditação, trazendo-me à memória a gigantesca figura do apóstolo, do guia do clero, do pai dos humildes, que sempre agiu na serenidade, na paz, na mansidão, foi a consciência, que fui tomando, de que, neste momento e neste lugar, inevitavelmente, me havia de considerar um intruso, o usurpador dum papel para o qual não faltavam executantes muito mais classificados e documentados do que eu.

Não falando nos leigos, que não escasseiam, lembro o illustre Clero deste Arciprestado, os beneficiários mais próximos do seu magistério e do seu inigualável convívio. E à frente de todos seja-me permitido colocar, como era da mais elementar justiça, o seu digno sucessor, de quem posso afirmar, pelo que vejo, oiço e sinto — isto sem o mínimo receio de que me contradigam — que a pesada mas nobre herança legada por Monsenhor Adelino Pedrosa, por altos desígnios da Providência, coube em sorte a quem era capaz não só de a manter mas de a fazer multiplicar — como manda a Escritura — a cem por um.

Uma vez que aceitei o encargo — embora indevidamente, sublinho, mais uma vez — farei o que puder para que esta hora, de saudade e de exaltação duma figura sempre presente ao nosso espírito e aos nossos corações, nos una a todos e suscite em nós a ânsia de imitar as suas excelsas virtudes, que certamente o conduziram à Pátria dos justos, dos que combateram, sem tréguas, o bom combate.



Em Tibães, conversando com Prof. Carlos Martins, Prof. Manuel Beirão e Laurentino Regado, aos 20-9-1958



*Condecoração pelo Governador Civil, Dr. Pessoa Monteiro,
na Festa dos Bombeiros Voluntários, aos 19-3-1961*



*Saudação de D. Francisco M. da Silva nos seus 80 anos
Sameiro, 12-12-1961*



*Com o Prelado e Clero do concelho nos seus 80 anos
Sameiro, 12-12-1961*

Só fugidamente fui domiciliado nesta vila. E, mesmo nessa época, devido às minhas obrigações profissionais, nunca passei de paroquiano de fim de semana. Mas aqui encontrei, no seio duma família que o Monsenhor Pedrosa muito estimava — e muitos de vós sabem porquê — a mulher que me tem ajudado a carregar a cruz da existência. Aqui me nasceram todos os filhos que Deus nos deu, sobre cuja cabeça sua mão derramou a água lustral do baptismo.

Nascido numa aldeia que circundava esta vila, é evidente que conheci o Sr. Arcipreste — o Monsenhor Pedrosa — de muito menino, quando pela mão dos maiores vinha pressuroso assistir às funções da Semana Santa, onde sempre peroravam os melhores oradores do País.

Também de menino conheci o ambiente pouco convidativo que ele veio encontrar em parte do arciprestado.

Por volta dos cinco anos, segundo creio, soube o que era a cizânia, o ódio entre cristãos desavindos, famílias, que habitualmente se estimavam, separadas agora por um *interdito*¹ que fazia lançar bombas² na residência dum jovem pároco, recém-chegado, enquanto que ao pastor substituído pela autoridade eclesiástica se trauteavam motejos, de que se alojou na minha memória infantil a mais antiga quadra que ela retém³. Soube então que a minha irmã mais nova tinha sido baptizada aqui em Esposende — por motivo do tal interdito — e que o cadáver duma tia aguardara à porta do cemitério, fechada e guardada por ordem do regedor de então, que se parlamentasse com quem de direito para poder baixar à terra. Ouvi falar em esperas nocturnas e em esfaqueamentos⁴, como ouvia as troças e as provocações dos adeptos do velho reitor destituído, que não perdoavam o que eles consideravam como traição a um pastor deles muito amado.

Tudo isso vai longe, se perdeu, felizmente, na lonjura do tempo, embora perdure na memória dos mais velhos. E se o recorde aqui, é exactamente para fazer ver a V. Ex.^{as} até que ponto o ambiente de paz, de harmonia entre as gentes deste Arciprestado são obra e mérito justíssimo do sacerdote cujo centenário estamos a comemorar.

Não vou enumerar o que devem as gerações desta paróquia ao pastor excepcional que tiveram durante quase meio século. Julgo-o desnecessário, além de que me era praticamente impos-

sível fazê-lo com a ordem e minúcia que o caso requeria, vivendo onde vivo e ocupado como estou.

Confesso todavia que senti tentações de me abeirar do cais dos Socorros a Náufragos, de percorrer as ruas e bairros dos pescadores desta terra e ouvi-los sobre o que eles e seus pais e avós ficaram a dever ao pai espiritual, na luta contra os elementos, em busca do pão salgado dos filhos, condenados ao mesmo destino, quantas vezes trágico. Que testemunhos não poderia ter colhido! Quanta lágrima enxuta, quanta dor dulcificada, quanta fome avidamente saciada! Infelizmente, o desejo não passou de desejo. Não será porém difícil, a quem nasceu aqui e foi embalado ao som das vagas dum Oceano sempre inconstante, adivinhar e reviver os dramas daqueles que dele vivem e, muitas vezes, nele encontram a sepultura.

Não me detenho a falar do orador que foi Monsenhor Pedrosa. E não o faço porque seria demasiada ousadia, tendo como temos aqui presente quem não deixará de o fazer com a competência e arte que a mim me faltam e a ele sobejam. Refiro-me evidentemente ao grande orador sacro que é o Monsenhor Alberto Rocha Martins, que vamos ter o prazer e o proveito de escutar dentro de momentos.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Ficaria de mal com a minha consciência se, neste momento, ao recordar a vida e a acção dum sacerdote do concelho de Esposende, não tivesse uma palavra para o clero deste Arciprestado, não só para o que formou equipa com o Monsenhor Pedrosa e dele recebeu a sábia e prudente orientação, mas também para aqueles que foram chamados a exercer o seu munus sacerdotal em outras paragens. Começarei por estes últimos, falando apenas dos que já partiram deste mundo — a hora é de saudade — em busca do galardão que cabe aos que bem cumpriram.

Serei breve, até porque, para vários deles, podem V. Ex.^{as} socorrer-se do labor de investigação que o modelar jornal do Arciprestado em boa hora lhes vem dedicando, pela pena — segundo creio, do seu Director ⁵.

Como é certamente do conhecimento de muitos dos presentes, a arte dos sons, teve nos Seminários de Braga e naquela cidade, entre os seus maiores cultores, durante alguns decé-

nios, sacerdotes oriundos do nosso concelho. Quem poderá esquecer o P.^o Alaio ou o seu discípulo e continuador o Rev. Alberto Brás?

E a liturgia? Quem poderá olvidar a acção do malogrado P.^o Almeida, estudioso e zelosíssimo executante dessa relíquia histórica que é o rito moçárabe — ou bracarense? ⁶

A música e a liturgia constituíam — e esta última permanece ainda — como uma espécie de feudo do nosso Arciprestado.

Como ignorar essa sábia e ascética figura que foi o Mon-senhor Mariz?

Na minha passagem pelos bancos do Seminário, houve anos em que a maior parte dos meus professores eram naturais deste concelho. Além do P.^o Brás e do P.^o Almeida, já referidos, tive o P.^o Job Teixeira, que me ensinou a ciência dos números e o alinho impecável; e o P.^o Portela, o sereno abade de Maximinos, que me instruiu na língua materna e foi, certamente, um dos responsáveis pela paixão que me brotou pelos idiomas — quando todos me julgavam fadado para as artes... ⁷

Quanto aos que labutaram em paróquias do nosso concelho, V. Rev.^a, Sr. Arcipreste, procurou já projectar para a posteridade esse vulto gigantesco de pastor e de evangelizador — recentemente desaparecido — que foi o P.^o Francisco Cubelo Soares, companheiro de muita lide apostólica do homenageado de hoje, e que foi seguramente, depois dos meus pais, quem mais me caldeou o carácter e me dispensou, pela vida fora, uma das maiores amizades de que me honro e orgulho.

O Sr. Prior Nogueira, ao ler a biografia que V. Rev.^a dele traçou, com mão de mestre, como é seu timbre, acudiu-me à mente a história edificante que há muitos anos ouvi contar em minha casa e que é uma verdadeira legenda arrancada ao agiológio. Ei-la: Certo dia, um pobre de Cristo, semi-nu, batera-lhe à porta. O bom Prior ordenou à irmã que lhe desse uma camisa para se cobrir. A boa senhora, confusa, observou-lhe: — É a única que tens fora do corpo...

A galeria é extensa. E variada. Os vultos que a podem compor são de todos os matizes.

Há sonhadores, defendendo acerrimamente projectos ambiciosos, como o da construção dum porto de mar nos Cavalos de Fão. Tal fez o celeberrimo P.^o Chaves Coupon ⁸, que mereceu

as honras de entrar na literatura como exorcista — *enxota-diabos* o denominava o povo — e sob o nome de P.^o Liberato, no conhecido romance de Antero de Figueiredo «A Senhora do Amparo»⁹.

Temos os políticos, os que lutaram e sofreram nas masmorras e no exílio por causa das leis chocantes do novo regime que se instaurou no nosso País em 1910. O exemplo vinhalhes do alto, desse colosso que era D. Manuel Vieira de Matos¹⁰, que eu conheci nos últimos anos de vida, qual roble pendente, em marcha oscilante ao peso dos anos e da luta, mas cujo olhar penetrante me trespassa ainda quando contemplo um dos seus últimos retratos.

Sem me querer alongar na evocação das figuras do passado, mais ou menos distante, como o Cónego Morgado, das Marinhas, de que tanto ouvia falar na infância e adolescência, e de quem se utilizavam, nos dias solenes, os riquíssimos paramentos que ele legara à sua paróquia natal, quero recordar aqui o antigo capelão da Misericórdia de Esposende e coadjutor das Marinhas¹¹.

Quem não tem presente essa figura romântica, o jornalista-poeta das margens do Peralto, ribeiro que faz mover as azenhas da Abelheira e que ele contemplava deslizando pachorrentamente, da janela da sua mansão a caminho do Oceano? O bondoso e prestável sacerdote dotado duma curiosa e múltipla personalidade, a quem o bom humor nunca abandonava, bem merece que aqui o recordemos. É que foi ele, durante dezenas de anos, quem possibilitou ao Monsenhor Pedrosa e ao Reitor das Marinhas desenvolverem, metódica e continuamente, a sua acção evangelizadora por terras de entre Douro e Minho. Aos amantes das coisas literárias ouso lembrar que bom seria que se dessem ao cuidado de esquadrinhar nos jornais a que o simpático Conde de Madimba — título que nos faz sorrir, mas se casa perfeitamente com sua personalidade de idealista e romântico — deu a sua colaboração, e preparem para a posteridade aquilo que ela tem direito a receber dos que trabalham e, sobretudo, dos que sonham. E que seu irmão, o místico P.^o Eduardo, lá da pátria dos justos, onde não pode deixar de estar, me perdoe o não me ocupar dele.

Aos que, simultaneamente, com os deveres pastorais, ou com dispensa destes, se dedicaram à coisa pública¹², regendo

os negócios deste município, em cuja sede fomos amavelmente acolhidos, bom seria que os seus continuadores lhes fizessem a justiça que lhes assiste — a eles e aos outros —, patenteados-se os arquivos pelos quais se possa ler e dar a público a história do nosso torrão.

Neste recordar, muitos são os que ficaram de fora, mesmo aqueles em cujas veias correu sangue aparentado com o dos meus filhos.

Não posso, todavia, olvidar o zeloso e sábio Cónego Martins Cepa, natural de S. Bartolomeu do Mar e que morreu pároco de Alvarães. Além de toda a sua acção pastoral, a ele se devem — isto sem referir os seus trabalhos dispersos por revistas e jornais —, duas monografias que eu considero modelares, uma sobre a freguesia que o viu nascer, outra sobre a que parou aqui até ao fim da vida. Oxalá que o seu exemplo frutifique.

Deixo para o fim a palavra amiga que é devida aos ilustres representantes da família do Monsenhor Pedrosa, grandes amigos de todas as horas.

À D. Glorinha, a grande dama desta terra, cujos dotes de inteligência todos conhecem e cuja fidalga simpatia testemunharam sempre a permanente convivência com seus tios, o Monsenhor e a sua irmã gémea, o meu abraço enternecido neste dia, que é de saudade, mas não de tristeza.

Ao bom amigo Sr. Joaquim Macedo, o funcionário zeloso e competente, alma ímpar que me pareceu sempre ter sido escolhido pelo dedo de Deus para integrar uma família de excepção, os meus parabéns pela sorte de que o Céu o fez objecto¹³.

A todos V. Ex.^{as} que fizeram o sacrifício de escutar o que aqui ficou escrito, sem nexos nem arte, mas saído do coração, as minhas desculpas e o meu obrigado. Disse.

Esposende, 12 de Dezembro de 1981.

NOTAS

¹ Foram três as paróquias sobre cujos templos foi lançado interdito: Marinhas, Fão e Belinho. Como disse, conservo na memória o eco desses acontecimentos ocorridos na minha infância — tinha então

cinco anos. Achei que seria útil aos possíveis leitores das minhas palavras trazer à colação os factos tais quais ocorreram. Por isso contactei os responsáveis pelos Arquivos da Câmara Eclesiástica de Braga. Porém, apesar da sua boa vontade, não foi possível localizar os processos referentes aos sacerdotes que não acataram os decretos de remoção e levaram à deplorável situação que se viveu no Arciprestado e que tanto amargou a conturbada existência de D. Manuel Vieira de Matos. Julgo, todavia, que os documentos extraídos da revista «Acção Católica», que havia iniciado a sua publicação em 1916 — dando a conhecer o extenso Decreto da Santa Sé «Maxima Cura», *sobre a remoção administrativa dos párocos colados* — poderão fazer luz suficiente àquele drama.

Além desses documentos, que vão em separado, pude respigar, fugidamente, algumas notícias vindas a público no «Diário do Minho» de então. Ei-las:

Em carta de 31 de Março, e publicada em 2 de Abril de 1921, o correspondente de Esposende noticiava:

«Realizou-se em todas as freguesias d'este concelho, com excepção de Fão e Marinhas, a visita pascal que decorreu na melhor ordem.

«Aos fiéis das duas mencionadas freguesias, onde não foi possível realizar-se a visita em virtude do estado anormal em que vivem, foi dada a Cruz a beijar pelos respectivos párochos nas egrejas d'esta vila, onde o povo acorreu em grande massa.»

Entretanto, o mesmo correspondente noticiava, em 26 de Maio daquele ano, que se havia iniciado o tríduo eucarístico preparatório para a procissão do Corpus Christi, em que eram oradores o Rev. Arcipreste de Esposende, o P.^e Nogueira, pároco de Fão, o P.^e Cubelo Soares, das Marinhas, e, no domingo, o P.^e Job Teixeira, então a paroquiar Gandra, e a gozar de certa aura de orador.

Em 31 de Julho do mesmo ano, o mesmo noticiarista relata a realização de novo tríduo, este, do Coração de Jesus — na vila de Esposende, cuja pregação esteve a cargo dum sacerdote do Porto, do Seminário daquela diocese, de nome P.^e Manuel Nídio de Sousa, «que se houve muito bem, deixando as melhores impressões». Ao correspondente, porém, impressionou sobretudo a parte coral, que «em todos os dias foi feita por um grupo de sete sacerdotes deste arciprestado, executando rigorosamente música do «Motu próprio». E acrescenta: «Este grupo coral fez já o tríduo eucarístico nesta vila e tem feito também outros tríduos d'este arciprestado, com o que tem dado um grande exemplo de boa camaradagem e perfeita união existentes entre o clero. Com o seu Arcipreste à frente, o clero de Esposende tem ultimamente merecido o respeito e o aplauso geral. (...)

«Este grande exemplo ha-de justificar e trazer consigo excelentes resultados, para a missão que sobre o clero peza.

«D'isso estamos convencidos e muito nos apraz registar aqui esta verdade, para desfazer más impressões e para encorajar os mais tímidos. É necessário que as tempestades, pelas quaes foi agitado este meio, sirvam para purificar defeitos e fortalecer todos os de boa vontade para trabalhar sem desfalecimentos na obra da glória de Deus e salvação das almas.

«União, disciplina, oração e trabalho, eis as nossas esperanças.»

Em cartas seguintes continuam os encómios ao coral dos sacerdotes e noticia-se a realização entre outras, das romarias da Senhora das Neves, em Rio de Moinhos, e da Senhora da Saúde, em Outeiro, sem se assinalar qualquer incidente — sinal de que se caminhava para o serenar das paixões, de que foi prelúdio e testemunho o levantamento do interdito das Marinhas — o último dos três — em 3 de Julho daquele ano, como se vê pelo Doc. VI.

² Foram lançadas na chamada Casa do Miguel, em Outeiro, que foi a residência provisória do P.^e Cubelo Soares durante aquele período tempestuoso.

³ A quadra dizia assim:

«Loureiro, verde loureiro,
Loureiro ramalheté.
Rifearam o Mané Gêsteira
A dez reis cada bilhete».

Os meus irmãos mais velhos dizem-me que era abundante a literatura folhetinesca, duma e doutra parte.

⁴ O facto ocorreu em dia de S. Roque, depois de terminado o fogo e nele foram comparsas os componentes de duas famílias desavindas por quesílias provocadas pela profissão comum — todos pedreiros e empreiteiros —, que tomaram partidos diferentes e opostos com relação ao P.^e Giesteira, pároco cessante, e ao P.^e Cubelo, o novo pastor.

⁵ Soube, no final da sessão, pelo Rev. Arcipreste, que o autor daqueles artigos era o meu bom amigo Sr. P.^e Avelino Borda, ali presente, a quem me apressei a pedir desculpa pelo lapso — de que eu não tinha grande culpa, pois o modesto sacerdote não quis que a sua colaboração saísse assinada.

⁶ O rito bracarense havia sido recentemente restaurado, por decreto pontifício de S. S. Bento XV de 1919. — Ver «Diário do Minho» de 9 de Dezembro daquele ano, data da sua entrada em vigor, com grandes solenidades na Sé Primaz.

⁷ Por lapso não foi citado o nome do P.^e Cândido Lima das Eiras, que foi meu professor de língua francesa.

⁸ São vários os trabalhos publicados pelo P.^e Chaves sobre o assunto, que constituía, para ele, uma verdadeira obsessão. Como eles constam das várias monografias sobre as vilas de Fão e Esposende, abstenho-me de os citar aqui. Quero tão somente chamar a atenção para o facto de tal sonho não ser novo, pois já em 1758 o P.^e Miguel Rodrigues Álvares, na resposta ao inquérito do P.^e Luís Cardoso — manuscrito da Torre do Tombo, que julgo inédito — escrevia, a respeito de Fão, sua paróquia:

«He Porto de Mar esta freguezia, onde há continua navegaçam de Pescaria de Pescada, Gorazes e Rayas, e nam entram nella outro genero de embarcaçoens por ser a barra de Area, inda que este defeyto se podia emmendar abrindo nova Barra encaminhando-a para um sitio de Penedos, a que chamam os Cavallos, que está nas vizinhanças da Praya, tam apto para se nelle encorarem grandes navios, sem perigo da furia do mesmo Mar em rezam de os ditos Penedos fazerem um meyo

circulo, que por modo de enseada, conserva ali as embarcações sem prigo, que a meu ver he melhor sitio deste Reyno pra se fazer hum grande Porto de mar com muita utilidade para o Reyno, e para esta freguezia, e provincia.»

Este sonho, ou projecto — de cuja viabilidade não sei aferir —, foi retomado por Constantino Coelho, no «Diário do Minho» de 25 de Maio de 1922. Aí, em artigo de fundo subordinado ao titulo «Progressos da região. — O porto de Esposende-Fão», e a propósito do III Congresso Económico, que a Associação Commercial havia levado a efeito alguns dias antes, escrevia o illustre plumitivo:

«Dos assuntos que vimos versados no Congresso Económico Nacional foi um dos que mais nos interessou a tese 'As vias fluviaes e o comércio; a navegabilidade dos rios em Portugal' (...) 'Não se referia a tese ao aproveitamento do Cávado.' (...) Na redacção definitiva das conclusões desta tese ficou consignada como uma necessidade económica a dranagem da barra do Cávado, e a transformação dos Cavalos de Fão num Porto de Abrigo.» — Note-se que no artigo não se faz a mínima referença ao P.^e Jerónimo Chaves.

⁹ Cfr. *Senhora do Amparo*, de Antero de Figueiredo, 3.^a edição, pág. 48 e segs., Livraria Chardron - Porto, 1920.

¹⁰ D. Manuel Vieira de Matos, quando Bispo da Guarda, foi seguramente o prelado que mais desassombradamente atacou as leis da República nascente, tendo-lhe isso custado várias prisões e o exílio.

¹¹ P.^e Anselmo de Boaventura Rego. — Espero, se Deus me der vida e saúde, dedicar algumas horas de ócio ao estudo desta e de outras personalidades nadas e criadas no mesmo torrão que eu.

¹² Está neste caso o P.^e Manuel Martins de Sá Pereira, que durante longos anos presidiu aos destinos do Município de Esposende, depois de ter abandonado o lugar de pároco colado da vila de Caminha. — Julgo que vencia reforma por tal cargo vitalício. — Para o estudo da acção política de certas figuras do clero de Esposende nos primeiros tempos da República, o leitor curioso deve socorrer-se do livro de Manuel de Boaventura intitulado «No presidio», Braga, 1913. Essa obra é pródiga em documentação extraída da imprensa diária da época, através da qual se poderá avaliar da personalidade do P.^e Manuel Martins Giesteira e compreender o seu comportamento e o dos seus paroquianos, aquando da sua remoção em 1919. — O P.^e Giesteira, tal como o seu irmão, P.^e Francisco, era natural da Póvoa de Varzim. Paroquiou Marinhas desde 1893, e de 1896 a 1900 desempenhara idênticas funções na vila de Esposende. Era coadjuvado, nesta tarefa verdadeiramente gigantesca, dado que Marinhas foi sempre a mais populosa e a mais dispersa freguesia do concelho, entre outros sacerdotes, por seu irmão e pelo Cónego Morgado, que segundo creio, havia regressado do Extremo Oriente. — Vejam-se, para o que afirmo, os livros dos Registos Paroquiais existentes na Conservatória de Esposende.

¹³ Assistiu também à sessão, integrado na mesa da presidência, o Rev. P.^e Cândido Pedrosa, sobrinho de Monsenhor Pedrosa e pároco da Aguçadoura, que eu não conhecia, mas a quem, na circunstância, foram dirigidas as saudações que lhe eram devidas.

— A saudação dirigida a S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz, dado que o ilustre Antístite não pôde estar presente por motivo do falecimento do Sr. Bispo Auxiliar, o saudoso D. Manuel Ferreira Cabral, não fora lida.

— Quanto à documentação que segue em anexo — a que pude recolher sobre o momento gravíssimo da história do jovem Arciprestado de Esposende, julgo de interesse torná-la pública, pois ela dá-nos a conhecer, em toda a sua acuidade, os problemas que se puseram ao P.^o Adelino Pedrosa e mostra-nos como ele conseguiu, com sua prudência e serena personalidade, solucioná-los, para bem de todos.

TESTEMUNHO E HOMENAGEM
A
MONSENHOR ADELINO PEDROSA

por MONS. ALBERTO ROCHA MARTINS

«Não venho rigorosamente fazer uma conferência. Nem isso me foi pedido ...

Venho, antes, partilhar dos vossos sentimentos, viver convosco esta hora de exaltação, juntar ao vosso o meu testemunho de apreço, veneração e ternura, na evocação de Monsenhor Adelino Pedrosa.

A data de hoje é propícia a tornar mais viva na nossa alma essa figura imorredoura que, se ainda peregrinasse neste mundo, completaria cem anos. Amavelmente me convidaram para estar presente. Como me lisonjeou este convite tão honroso e tão grato ao meu espírito, sempre devedor a Monsenhor Pedrosa pela lição sublime, humana e sacerdotal, que espargiu à sua volta, deixando, para sempre, nesta terra, como estrela cintilante, um suave clarão de luz e calor ... Aceitei, com alegria e entusiasmo, este apelo do digníssimo Arcipreste de Esposende e aqui estou, um tanto perturbado, sem dúvida, pelo receio que tenho de não corresponder àquilo que me pediram — fazer o retrato de Monsenhor Adelino Pedrosa!

De facto, nunca foi difícil fotografar um homem. Retrá-lo, porém, foi sempre difícil, sobretudo quando o envolve o mistério da simplicidade, da delicadeza, da bondade subtil e docemente alada ... Na verdade, Monsenhor Pedrosa foi, para mim, o exemplo perfeito do homem delicado e gentil, em palavras, em gestos e em actos. Repercutem nos meus ouvidos

— como expressão desta realidade por mim sentida — as palavras lúcidas que, em *Jornal da Terra*, dele escreveu o P.^o Avellino Borda — um sacerdote que consagrou exemplarmente a sua vida ao apostolado da Juventude e que, talvez por isso, se mantenha simpaticamente jovem, apesar da longa carreira já percorrida, dando a todos o exemplo de dedicação ao apostolado, inclusivamente colaborando na *Imprensa*, onde nos deixou algumas páginas brilhantes sobre o nosso venerando e saudoso homenageado deste dia.

Diante dos meus olhos está uma assembleia que, na sua maioria, privou de perto com o homenageado, conheceu-o bem, sentiu o calor do seu apostolado, recebeu a luz da sua palavra ardente e cristã. Que poderei eu acrescentar ao retrato que dele tendes na vossa alma? Que poderei trazer para aqui que possa realçar a figura veneranda e simpática de Monsenhor Pedrosa, que possa torná-la mais brilhante, mais viva ao vosso espírito? É certo que tive o privilégio de o conhecer, mais do que isso, de contactar de perto com ele, de o escutar com atenção e respeito, de ouvir, com deleite cativante, retalhos da sua vida de pregador e de pastor, e de recolher, na memória, apreciações das mais variadas origens, mas todas convergentes na exaltação do Homem e do Padre que hoje vimos recordar. Muito de perto senti o ardor do seu apostolado, a generosidade com que se entregava à sua missão de pastor, o zelo e a competência de que sempre deu provas como arauto do Evangelho. Na verdade, Monsenhor Adelino Pedrosa foi, em todo o rigor da expressão, um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo. E quando alguém se apaixona por Cristo a sua vida é farol a nortear quantos têm fome de Deus e sede de Infinito.

Se me permitissem, pois, sem grandes delongas, e sem cair no escolho de vos demorar muito, abordarei, sem preocupações literárias, três aspectos da enorme personalidade de Monsenhor Pedrosa: O PADRE ... O PASTOR ... O COLEGA ... Três palavras simples que compendiam uma vida e definem uma personalidade.

O PADRE ... a realidade que nasce dum sonho ...

Monsenhor Adelino Pedrosa nasceu em Rio Tinto em 12 de Dezembro de 1881!

Todo o nascimento é uma esperança! Desponta uma estrela

que cintilará ou, a breve trecho, se tornará cadente ... Analisando esta vida, nos alvares da meninice e adolescência, fácil se torna verificar que a estrela vai subindo no horizonte do futuro. Alguém, suavemente, com desvelo e ternura, vai imprimindo rumo, abrindo caminho, espancando trevas, iluminando roteiros, apontando, nas lonjuras, horizontes de beleza ... Com razão Lacordaire afirmava que «diante dum berço desenha-se uma interrogação». Desconhece-se o futuro da criança que se embala. Sabe-se, porém, que uma criança é sempre o rebento duma cepa ... E logo se começa a saber que é poderosa a orientação ministrada pelos pais e que, mais tarde, será assumida por essa criança. Verdadeiramente «casa de pais é escola de filhos». Adelino, como flor em jardim, nasceu assim num lar cristão e simples. Cresceu, sob a bênção de carinho, enraizou conscientemente a sua vida no amor de Deus e da Família, foi-se paulatinamente preparando para o amanhã que surgiria em exigência de vida intelectual, moral e religiosa. Cedo reconheceu que não é possível aspirar à santidade sem primeiro desenvolver, solidificar, esmerar as qualidades naturais e humanas. Sem um carácter forte, generoso, bem formado, sem um grande amor à verdade e à lealdade, sem um generoso desprendimento das coisas fúteis e efémeras, sem uma vontade forte e corajosa, ninguém, rectamente, poderá pensar em tornar-se discípulo de Cristo. A santidade nem se improvisa nem se edifica sobre areia ... Precisa de alicerces profundos, sólidos, duradouros. É exactamente isto que vai acontecendo na vida deste jovem que, atraído pelo mistério da vocação sacerdotal, entra no Seminário e aí, nesse alfobre, desenvolve todas as suas capacidades, demonstrando qualidades raras de inteligência e docilidade às inspirações divinas. A estrela continua a subir serenamente no horizonte ...

Em 19 de Dezembro de 1904, com vinte e três anos, é ordenado sacerdote, subindo, depois, ao Sameiro, para ali, sob a Imagem Veneranda da Mãe do Céu, de Quem foi sempre grande devoto, cantar a sua Missa Nova! Dia de festa! Dia inesquecível!

Durante sete anos, em Braga, serviu o Senhor, dedicando-se ao ensino e formação da Juventude no Colégio de S. Tomás de Aquino. Após esta experiência, coroada de êxito, ingressa, rigorosamente na senda de pastorear almas, coadjuvando o Pároco

de Cristelo, vindo, depois, pastorear a vila de Esposende, em 19 de Setembro de 1917. Um ano, depois, é nomeado Arcipreste. Podemos, em termos humanos, considerar fulgurante esta carreira, mais tarde, coroada com a dignidade de Monseñor conferida, com toda a justiça, pelo Santo Padre, em 1964.

Nestes fugidios apontamentos, desprovidos de graça, mas simples e objectivos, ressalta a figura nobilíssima do PADRE, com letra maiúscula, modelo para quantos aspiram a servir generosa e exemplarmente a Igreja. A realidade maravilhosa desta vida sacerdotal nasceu dum sonho, azul e lindo, concebido e alimentado na Juventude ...

É este PADRE assim, tão dotado por Deus, tão enriquecido pelo estudo, tão dignificado pelo trabalho e esforço permanente, que, em Esposende, marcará indelevelmente um sulco de luz na santificação do povo de Deus. Vivendo intensamente a sua missão, vigilante e atento, nunca temeu enfrentar as dificuldades, procurando inteligentemente solucionar os problemas mais intrincados que sempre se deparam na vida dum Pároco. Padre piedoso e apostólico, homem de oração e de diálogo com Deus, nunca falou de Deus aos homens sem que primeiro tivesse falado dos homens a Deus. Tinha o verdadeiro sentido das capacidades. Sabia muito bem como é forte, empreendedor, eficaz, o Padre que se entrega a Deus pela meditação, e, por isso, o seu apostolado foi fecundo e brilhante. Colocado numa paróquia repassada pela ventania da indiferença, dividida por ambições, perdida tantas vezes na feira das vaidades humanas, este Padre logo se apercebeu desta realidade e, por isso, prudentemente lutou para estabelecer a paz nas consciências e a harmonia na família paroquial. A seara começava a lourejar ao Sol da Divina Graça. Os homens eram para ele imagens vivas de Deus, encarnações de Cristo, pelo que dar a vida constantemente constituía um ideal apaixonante. Faz bem debruçarmo-nos sobre quatro primorosos artigos biográficos da pena do ilustre sacerdote P.º Avelino Borda a propósito da vida espiritual de Monsenhor Pedrosa e do seu apostolado sempre actualizado, sempre activo, sempre generoso. Rezava e rezava com o povo, orientava delicadamente as consciências, que se lhe confiavam, iluminava os espíritos com a sua palavra simples, luminosa e convincente, palavra que tinha sempre a imprimir-lhe virtude o exemplo duma vida impregnada de amor de Deus. Monse-

nhor Pedrosa era um espírito brilhante. Sempre bem humorado, não lhe faltando, oportunamente, a subtileza da ironia que não fere mas dispõe bem. Era um sacerdote inteligente, prudente, dinâmico, artista. De tudo se valeu para valorizar o seu apostolado.

Muitas vezes aqui vim, entrando na Igreja Matriz, aí pregando, ora o Tríduo do Sagrado Coração de Jesus, que Monsenhor ordenava com tanta piedade, ora nas grandes solenidades dos Passos ou Semana Santa, que sempre tiveram retumbância nesta vila de Esposende e redondezas. Recordar tudo isso é para mim uma saudade muito grata e muito querida por emoldurar a figura veneranda de Monsenhor Pedrosa, tão delicado, tão compreensivo no seu trato, tão fidalgo, dentro e fora da Igreja. Tudo lhe mereceu interesse! As crianças, no seu proverbial irrequietismo, nunca o incomodaram, dedicando-lhes sempre o maior carinho e solicitude; a Juventude, que nunca se desprende das influências benéficas do seu Pastor; os adultos, para quem foi sempre um conselheiro e um amigo cheio de prestígio e autoridade; os velinhos, para quem tinha uma caridade ardente e operativa, velando para que nada lhes faltasse, pedindo sempre aos que tinham para quantos viviam na penúria ... Monsenhor Adelino Pedrosa foi verdadeiramente um PASTOR ... E quando nos debruçamos sobre o Evangelho, auscultando o pensamento do Mestre sobre o Pastor, reconhecemos que vale a pena, em jeito de retrato, surpreender, nessa parábola famosa, como que em espelho, a figura de Monsenhor Pedrosa. Na verdade, ele vigiou atentamente as suas ovelhas, para as conhecer melhor, e, assim, as amar mais sinceramente. Não se pode amar o que se desconhece. E quem ama ensina, orienta, corrige, sacrifica-se, dá-se.

O bom Pastor conhece as suas ovelhas, chamando-as pelo seu nome, isto é, identificando-as. O bom Pastor dá a vida para que as ovelhas não sejam devoradas pelo lobo feroz. A vida de Monsenhor Pedrosa foi oferenda permanente, no altar do sacrifício, pelas suas ovelhas. Foi lâmpada acesa, a morrer permanentemente para ser mais luz, a fim de que as trevas não envolvessem o caminho da salvação para todas as ovelhas que o Senhor lhe confiou. Monsenhor Adelino Pedrosa foi bom Pastor.

Propositadamente deixei para o fim destas minhas considerações focar um novo aspecto na personalidade do nosso home-

nageado. Quem foi bom Padre e bom Pastor, terá sido também bom COLEGA. E assim foi, de facto. No entanto, porque este aspecto é de enorme importância no retrato de Monsenhor Pedrosa, não quero deixar de o realçar, na medida que foi a partir daqui que neste Arciprestado sempre reinou a melhor união entre o Clero, a melhor entreatada, a mais sadia harmonia. Monsenhor Pedrosa exteriorizou sempre, em palavras, gestos e atitudes, uma delicadeza exemplar. E ninguém poderá negar que esta atitude exterior, tão fidalga e tão cativante, provinha de uma autenticidade interior, do homem que, em ascese constante, anseia tornar-se verdadeiro discípulo de Jesus. Que prazer ouvir o homem sereno e sempre sorridente! Que bom receber os seus conselhos amigos e que nunca feriam! Que saudade para nós a recordação do seu carinho e do seu paternal acolhimento! No trato com o Clero era duma lealdade a toda a prova. Bem o demonstra a união que sempre existiu entre o Clero de Esposende.

Aí ficaram, minhas Senhoras e meus Senhores, algumas palavras muito simples e que eu, humildemente, gostaria fossem homenagem sentida à memória desse grande Padre, grande Pastor e grande Colega. Que Deus, na Sua infinita bondade, o tenha coroado na glória eterna!»

*

No encerramento desta sessão, o Sr. Presidente da Câmara concluiu:

«Depois das brilhantes palavras a recordar a personalidade de Monsenhor Adelino Pedrosa, vamos agora recordá-lo na imagem fotográfica, que estará patente na exposição, que vamos contemplar».

Efectivamente, nesta interessante exposição foto-biográfica e de recordações do homenageado, que teve lugar no Salão de Exposições da Câmara, todos puderam reviver momentos inolvidáveis dos tempos passados.

Aí se viam grupos de fotografias relativas à Família e aos amigos, à vida paroquial e à sociedade. Aí estavam patentes as condecorações atribuídas pelos Bombeiros Voluntários de Esposende, o álbum com pergaminhos da homenagem do Clero (1904-1954), vários Ramalhetes Espirituais da JOCF e Pré-JOC,

ao lado de outras recordações e objectos pessoais, tais como: relógio de bolso, terço, crucifixo, roquete e estola de orador, etc. Também não faltavam as vestes de Monsenhor nem o respectivo Breve, vindo de Roma. Porém, o polo catalizador de todas as atenções não deixou de ser a encantadora máquina de projectar filmes, utilizada na catequese, e a audição de uma bobina magnética, contendo uma gravação do mês de Maria, orientado por Monsenhor Pedrosa, cujo timbre de voz provocava lágrimas de saudade.

Na acta da reunião camarária de 20.4.1971 encontramos a proposta seguinte: «João Alberto Terra de Sá, vereador da Câmara Municipal de Esposende, vem propor à Ex.^{ma} Câmara Municipal que, perpetuando a memória dos saudosos e ilustres presidentes desta Câmara, P.^o Manuel Martins de Sá Pereira, Dr. Alexandre Henriques Torres e também do venerando Monsenhor Adelino Lopes Pedrosa, sejam dados os seus nomes às seguintes artérias: P.^o Manuel Martins de Sá Pereira à última avenida da praia; Dr. Alexandre Henriques Torres à Rua que parte da Rua Dr. Trigo de Negreiros de acesso ao novo Bairro Social, e Monsenhor Adelino Lopes Pedrosa à nova artéria compreendida entre as Ruas José Alpoim e Cinco de Outubro. Esposende, vinte de Abril de mil novecentos e setenta e um. As. João Terra de Sá» «Aprovada por unanimidade».

Concretizando esta proposta, o Sr. Presidente da Câmara procedeu ao descerramento das placas toponímicas na dita Rua, acto que a assembleia presente aplaudia com uma vibrante salva de palmas.

Chegávamos, assim, ao ponto mais alto desta Homenagem: a concelebração na Matriz, presidida pelo Senhor Arcebispo, D. Eurico Dias Nogueira, na qual participaram duas dezenas de sacerdotes, além de outros que se encontravam presentes. O grupo coral de Esposende, com músicas apropriadas e adrede compostas por um dos seus elementos, contribuía para a imponência do momento religioso, enquanto deleitava a vasta assembleia com os acordes harmoniosos da arte dos sons, fruto exímio do sacrifício aturado e do amor invencível que tinham posto na sua longa preparação. À homilia o Sr. D. Eurico manifestou a sua tristeza por não passar a tarde inteira connosco, conforme estava programado, retirando para Braga logo após esta concelebração. Fez uma referência demorada aos dois aconteci-

mentos da Igreja Diocesana ocorridos neste dia: Homenagem em causa e morte do Sr. D. Manuel.

Com a devida vénia de Sua Ex.^a Rev.^{ma} aqui deixamos a homilia proferida, que não tendo sido escrita, fora proclamada improvisadamente, em tom de conversa familiar e pastoral:

HOMILIA DO SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ NA CONCELEBRAÇÃO

«Não podendo estar presente a todos os actos, escolhi esta concelebração para prestar a minha homenagem sentida, àquele de quem vós hoje comemorais o centenário de nascimento. Embora não tenha conhecido pessoalmente Monsenhor Pedrosa, os ecos da sua personalidade e da sua acção sacerdotal, chegados até mim, são suficientes para fazer dele uma imagem muito elevada, e, pouco a pouco, sentir dentro de mim uma admiração por esse homem que aqui viveu identificado com os interesses e as aspirações desta terra e suas gentes, durante mais de meio século.

Como professor, como coadjutor, como pároco, como arcepreste, Monsenhor Pedrosa foi sempre e em toda a parte um educador, um evangelizador, um santificador; quer dizer, realizou o seu sacerdócio em plenitude; por isso ele foi tão querido, tão estimado, por todos quantos o conheceram.

E vós fizestes bem, recordando a sua forte personalidade, neste centenário do seu nascimento.

A lembrança dos mortos, mais do que um dever para os vivos, é um enriquecimento dos próprios vivos, porque a sua lição, quando eles souberam viver intensamente a sua vida, é para nós um estímulo a imitá-los, a sermos bons como eles.

Eu tencionava passar esta tarde convosco e fá-lo-ia com muito gosto. Mas um acontecimento lutuoso para a Diocese impediu-me de vir mais cedo, assim como me obriga a retirar logo após a Missa, para a sede da Arquidiocese.

Após oito meses e meio de sofrimento, mas sofrimento cristão, o Sr. Bispo Auxiliar, D. Manuel Ferreira Cabral, foi para o Senhor esta manhã; foi ao encontro do Pai, neste sábado de Advento, dentro da oitava de Nossa Senhora da Conceição. Havia manifestado, muitas vezes, a vontade de morrer na Festa da Senhora da Conceição, sua Madrinha...



Conversando no gabinete do Secretário da Câmara — 1963



PAVLVS VI PONT. MAX.

DILECTE FILI, SALVTEM ET APOSTOLICAM BENEDICTIONEM.

PRECES AD NOS ADMOTAS LIBENTI BENIGNOQVE ANIMO EXCIPIENTES, VT SINGVLARIS IN TE BENEVOLENTIAE NOSTRAE TESTIMONIUM
PVBLICE EXHIBEAMVS, QVIPPE CVM DE CATHOLICAE REI PROPECTV ATQVE INCREMENTO NON VNO SIS NOMINE BENE MERITVS, TE

Belinum Mariam Lopes Pedrosa ex *Archidioncesi* *Parochia* *ensis*

ANTISTITEM VRBANVM SEV PRAELATVM DOMESTICVM ELICIMVS, FACIAMS AC RENVTIAMVS
TIBI PROPTEREA POTESTATEM TRIBVIMVS HONORIBVS, PRIVILEGIIS ET PRAEROGATIVIS VTENDI, QVAE EX CONSTITVTIONE PRAELATVM
•INTER MULTIPLES• S. PI PP. X CVM HAC DIGNITATE SVNT CONIUNCTA.

DATVS ROMAЕ. APVD S. PETRVM, DIE II IANVARIIS OCTOBIS ANNO MCMLXIV

H. J. Card. Caviglioli



Nas Bodas de Ouro dos Bombeiros Voluntários — 1967



Na casa de Gandra, com sobrinhos-netos: Isabel e Vasco Pedrosa — 1968

O Senhor não o chamou no dia da Festa, mas chamou-o na oitava, num sábado, também dedicado a Nossa Senhora.

Foi há oito meses e meio, que no decurso de uma Visita Pastoral, aqui, no Arciprestado de Esposende, ele sentiu os primeiros sintomas da doença. Dias depois era diagnosticada a natureza dessa mesma doença e posta de parte qualquer hipótese de cura, humanamente falando. Só uma intervenção do Céu poderia deter a doença, que seguiria inexoravelmente o seu curso. Ele tomou conhecimento disso desde a primeira hora, pois pediu ao médico que não lhe ocultasse nada, e aceitou corajosamente a morte que se aproximava dia a dia. Com sessenta e três anos, ainda na pujança da vida, quando a Diocese muito esperava da sua acção pastoral como Bispo Auxiliar, da sua experiência e do conhecimento que tinha dos seus problemas, o Senhor determinou de modo diferente e permitiu que essa doença lhe cortasse o fio da existência, em plena carreira. Foram oito meses de sacrifício, de holocausto, em que, sobretudo nas últimas semanas, ele foi transformando o seu leito de dor num altar de sacrifício, dando a todos nós os que vivíamos mais perto, junto dele, uma grande lição, que não esqueceremos jamais: — uma lição de fé profunda, uma lição de aceitação da vontade de Deus, de conformidade com os desígnios do Senhor.

Só almas grandes e almas de fé viva como sucedia com o Sr. D. Manuel é que sabem encarar a morte com esta serenidade, como quem vai ao encontro do Pai: pesaroso, sim, por deixar os amigos, os familiares, as ocupações em que ele julgava servir o próximo, mas no entanto alegre por estar à disposição do Senhor.

Ainda ontem, no seu leito de dor, já mal se podia erguer um bocadinho, concelebrou comigo a Santa Missa. Já mal se ouvia a sua voz, naquelas poucas orações em que ele devia acompanhar o celebrante principal, mas ainda, com muita devoção, pôde concelebrar comigo. Era meio dia. À noite sentimos que o fim se aproximava. Conversou ainda connosco ... depois retirámo-nos. Ficou um sacerdote da casa junto dele, com alguns familiares. E foi-se apagando lentamente. Quando, de manhã, me avisaram de que o fim se aproximava, corri para junto dele. Estava vivo ainda, mas sentia-se que se apagava lentamente. Passada meia hora, quase sem darmos pelo momento

exacto em que expirou, sem uma contracção, sem um suspiro, o coração deixou de pulsar, a alma partira para a Eternidade.

Esta grande lição que o Sr. D. Manuel deixou, de coragem, de serenidade, de abandono nas mãos do Senhor, enriquece-nos e mais agiganta na nossa mente a ideia que sempre dele tivemos.

Convivemos em horas difíceis de Moçambique, sendo ele Bispo da Beira, e eu de Vila Cabral.

Já o tinha conhecido antes, mas ali pude admirá-lo mais de perto. Foram momentos difíceis, horas de sofrimento, de martírio mesmo. Depois tive-o aqui, como primeiro Auxiliar, sempre dedicado ao seu Bispo, leal, trabalhador, procurando apagar-se para que o Arcebispo apparecesse, quando, afinal, muitas vezes, era ele que trabalhava. Dou graças a Deus por ter conhecido este grande sacerdote e por havê-lo tido a meu lado durante vários anos.

Pois foi este o motivo que me impediu de estar convosco mais cedo e me obriga a retirar, logo após a Santa Missa. No entanto não quis deixar de vir até esta Paróquia, sede do concelho e do arceprestado, para com a minha presença testemunhar o meu apreço por essa figura que não conheci pessoalmente, mas que admiro, e nele prestar a minha homenagem a todos os sacerdotes que, num trabalho muitas vezes incompreendido, desconhecido, se esforçam por ser uma presença de Cristo no meio do seu Povo: serem arautos do Evangelho, da doutrina do Senhor, numa sociedade que às vezes tende a esquecê-la, por não haver educadores de jovens numa linha cristã e nem sempre a juventude é ajudada pelo ambiente em que vive.

Monsenhor Pedrosa foi bem um protótipo destes educadores, destes sacerdotes evangelizadores, destes outros Cristos que pelo sacerdócio se comprometeram com Deus e com o seu Povo, para toda a vida.

É motivo de alegria podermos dizer que há muitos sacerdotes nos quais, após uma longa existência — como sucedeu com Monsenhor Pedrosa, em oitenta e oito anos —, não se encontra a mais pequena quebra de fidelidade aos compromissos assumidos no dia da sua ordenação sacerdotal. Pelo contrário, em cada dia parece que se firmam mais na alegria de terem abraçado o sacerdócio, na disposição de servirem o Povo de Deus, nos quadros da Santa Igreja.

Monsenhor Pedrosa já velhinho, já depois de deixar de ser pároco, mas mantendo-se ainda como Arcipreste, lá ia um dia em cada ano ao Seminário, com os colegas arciprestes, dar contas da dedicação que as paróquias têm pelo Seminário. Ali falava aos seminaristas, velhinho, mas sempre ouvido com alvoroço, com profunda admiração por esses seminaristas, que olhando para ele não podiam deixar de, no íntimo, desejarem seguir uma caminhada idêntica àquela que Monsenhor Pedrosa percorreu, ao longo da sua longa existência.

Pois, com muita razão, com inteira justiça, vós viestes comemorar o centenário desse sacerdote que fazia parte da vida desta vila. Depois de outros actos comemorativos, aqui estais agora, a recordá-lo diante de Deus, no ambiente de uma Igreja, neste silêncio próprio de um templo, em torno do altar do Sacrifício Eucarístico, junto do Sacrário e das Imagens daqueles que nos precederam na fé, os nossos irmãos mais velhos — os santos. Estes não são mais do que nossos irmãos mais velhos, que já abalaram para junto de Deus, mas que souberam durante a vida viver intensamente a sua fé e atingiram tal grau de perfeição que merecem ser apontados como exemplos e como intercessores nossos, junto de Deus. Pois é neste ambiente recolhido que melhor recordamos aqueles que já partiram, que melhor evocamos a figura de Monsenhor Pedrosa.

Aqui estamos a recordá-lo, a dar graças a Deus por ter concedido a esta Paróquia uma tão alta figura de sacerdote e a pedir-lhe que o seu exemplo seja um estímulo para todos nós: para nós cristãos, e sobretudo para nós sacerdotes.

Pois que a memória abençoada de Monsenhor Pedrosa seja realmente um enriquecimento espiritual para a Paróquia e para todos nós seus discípulos, seus admiradores.

Igreja Paroquial de Esposende, 12-12-1981.

† *Eurico Dias Nogueira*

*

O último número da nossa homenagem seria esta publicação que depomos nas mãos dos seus amigos e nossos leitores.

III

ALGUNS TESTEMUNHOS DOS SEUS ADMIRADORES

1 — MONSENHOR ADELINO MARIA LOPES PEDROSA

A passagem do primeiro centenário do nascimento do P.^e Adelino Maria Lopes Pedrosa, que foi reitor e Arcipreste de Esposende durante várias décadas, é um acontecimento que não podia ser esquecido, sobretudo àqueles a quem se deu como padre e como cidadão.

Elevado, já em adiantada fase da vida à dignidade de Monsenhor, pela Santa Sé, de este modo, pretendeu dar público testemunho dos méritos de um sacerdote portador de um aprumo exemplar, demonstrado no exercício das suas delicadas missões espirituais, no zelo inexcedível das suas tarefas e, ainda, como cidadão no historiador completo. Sempre que lhe era dada oportunidade, exaltava apaixonadamente os maiores acontecimentos portugueses.

O seu apostolado, como pároco da vila de Esposende, foi largo e edificante. A afirmá-lo, estão as gerações que na ascensão da vida foram carinhosamente acolhidas pela sua bondade e orientadas pelos salutareos conselhos que acompanhava sempre daquela simpatia que irradiava da sua personalidade cheia de dignidade e pendor.

Veio para Esposende como pároco, numa época difícil e agitada pelas perturbações sociais e políticas que então se desenrolavam com larga frequência. A sua isenção e independência grangearam-lhe as maiores simpatias. Fora antes professor do

Colégio de S. Tomás de Aquino de Braga, vindo, a seguir, coadjuvar o pároco da freguesia de Cristelo, do Arciprestado de Barcelos. Foi nomeado reitor de Esposende em 1917. Referia sempre a sua nomeação a dois factos notáveis: primeiro, as aparições de Fátima; segundo, a fundação da sua Corporação de Bombeiros, de quem foi capelão até à morte. Finalmente ligava o início da sua vida paroquial na vila de Esposende aos dois acontecimentos, embora muito distintos. Tinha muito orgulho em considerar todos estes factos na sua vida de sacerdote. Talvez, por isso, e, por formação, exaltava sempre o seu amor à Virgem Maria e referia que Ela lhe dera um arciprestado composto de quinze freguesias, como tantos são os mistérios do Rosário. Orientou cautelosa e amorosamente as juventudes, quer operárias, quer estudantis, reunindo-se com elas no edifício das escolas da sede da vila, semanalmente.

Tanto e muito lhe devem os esposendenses de hoje! Tinham nele o conselheiro, o amigo, o orientador da caminhada dos seus verdes anos e, muitos, dele se socorriam nas horas desesperadas da vida, não lhe faltando, então, o auxílio e o arrimo de que careciam.

Animou a fundação de um bairro para famílias menos favorecidas desta vila, destinado àqueles que viviam em precárias condições de habitação. Ajudou a obter da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, a cedência dos terrenos para a construção de sete moradias a norte da vila, denominadas «Património dos Pobres de Esposende», onde as famílias albergadas não tinham que suportar outro encargo que não fosse a conservação da casa que era atribuída ao seu agregado familiar. Ajudou muito na criação da Cantina Escolar «Rocha Gonçalves» e animou a criação na mesma Cantina de trinta sopas para pessoas idosas, que eram servidas fora do mesmo edifício, na residência de cada um.

Foi um grande colaborador da Arquidiocese Bracarense. Teve como prelados os saudosos, inesquecíveis e grandes Arcebispos D. Manuel Vieira de Matos, D. António Bento Martins Júnior e D. Francisco Maria da Silva. Todos estes prelados dedicaram à pessoa do P.^e Adelino Maria Lopes Pedrosa, a maior admiração e muita amizade. Fomos testemunhas destas provas quando da Visita Pastoral de D. António Bento Mar-

tins Júnior à vila de Esposende, que enalteceu do seu púlpito, as qualidades de sacerdote e de pastor do P.º Pedrosa.

Nos últimos tempos da sua vida, à sua casa em Esposende, vinha o grande Arcebispo, D. Francisco Maria da Silva, trocar impressões com o sacerdote de larga experiência e exemplar apostolado e tinha por ele um respeito e uma admiração que muito estreitavam as suas relações de amizade.

Foi um grande orador sacro, percorrendo todo o norte do País numa missão de evangelização. Trouxe ao púlpito de Esposende, na «Semana Santa» ou nos «Tríduos do Sagrado Coração de Jesus», oradores consagrados, como o Cónego Chousal, Abade de Anta e P.º Castelo Branco, entre outros.

Convivemos muito de perto e era eu frequente visita da sua casa, por isso faço o meu depoimento da forma amiga, elevada e atenciosa como tratava sempre os padres do seu concelho, aproveitando na convivência com os seus prelados, a oportunidade de os enaltecer.

Muito aprendi, quer do meu orientador espiritual, quer do português que era este venerando sacerdote. Parte da minha vida foi marcada no rumo que o P.º Adelino Maria Lopes Pedrosa, como Reitor, traçava paternalmente a todos os seus paroquianos. Homenagem lhe seja devida como padre e como português, na passagem do primeiro centenário do seu nascimento.

Dezembro de 1981.

Prof. Carlos Martins

2 — ALGUÉM NA MINHA VIDA

Quando o Sr. Arcipreste faleceu (16-3-1970), senti que perdera *alguém* muito importante *na minha vida*. Ele fazia parte da minha vocação sacerdotal (talvez sem ele próprio notar). Desde pequeno, ele exercia sobre mim um fascínio. Nós os miúdos, gostávamos de ir ao seu encontro quando passava na rua, ser tocados e abençoados por ele. «A bênção, Sr. Arcipreste» — dizíamos. A sua catequese era o ambiente onde nós nos sentíamos em casa, porque ele tinha um jeito especial que nos prendia. Não me lembro, hoje, de quase nada daquilo

que ele disse ou pregou. Isso não me interessa directamente. Não eram as palavras que me chamavam a atenção, mas sim a sua atitude e a sua maneira de ser sacerdote. E foi isso que me impressionou. Ele foi, desde sempre, uma luz e um modelo que (sem querer) comecei a copiar. Andava, nessa altura, muito pela igreja (eu e outros moços). Não porque os nossos pais nos mandassem, mas porque nos sentíamos atraídos por Ele. Tínhamos gosto em vestir as opas, pegar nas tochas para acompanhar o Sr. Arcipreste nas Missas ou Bênçãos do Santíssimo. Havia até mesmo competição entre nós. Era ver quem chegava primeiro ...

Um dia tentei aprender a ajudar à Missa (que era ao tempo em Latim). O Sr. Arcipreste disse-me: «Vai aprender com o Sr. Belmiro. Ele ensina-te». E eu fui. À tarde, depois da escola, ia ter com o falecido Belmiro que, então, vivia com a Belmira na sua oficina de alfaiate, nas dependências da Misericórdia. E, enquanto o Belmiro sacristão passava a ferro e engomava, eu ia decorando, em voz alta, para ele ouvir e corrigir, as respostas da Missa: «Suscipiat Dominus sacrificium de manibus tuis, ad laudem et gloriam nominis sui ...»

Ainda eu não sabia tudo de cor, quando o Belmiro me pôs a ajudar à Missa com ele. E assim, a pouco e pouco, ia-me chegando mais para a beira do Sr. Arcipreste, mais para junto do altar. E comecei a gostar desta vida (entenda-se, não de sacristão, porque isso não me interessava, mas sim algo mais ...). E creio que, por aqui, começou a minha vocação. Cada vez me convenço mais que a vocação ao sacerdócio não vem directamente de Deus. Ninguém chega a ser padre por si próprio nem pela chamada directa de Deus. Mas porque houve homens e mulheres que nos levaram a isso, preparando-nos o caminho. Foi um deles o Sr. Arcipreste. Preparou, sem advertir talvez, o meu caminho.

Um dia, lembro-me bem, aconteceu um episódio significativo. Um grupo de rapazes estávamos na sacristia despindo as opas, no fim duma celebração, quando ele nos fez esta observação: «Andais muito pela Igreja enquanto sois pequenos, mas quando fordes grandes não vos encontro aqui». Estas palavras atingiram-me como setas. Ficaram-me marcadas para sempre. Eu senti que nunca seria um daqueles. E assim aconteceu. Há

gestos, palavras e atitudes que vão marcando na vida os momentos principais da nossa trajectória.

Quando entrei para o colégio dos Jesuítas, em Cernache (Coimbra), o Sr. Arcipreste tomou muito a peito a minha decisão e animou-me muito. Aliás, foi-me animando sempre. Quando eu vinha de férias, uma das primeiras visitas que eu fazia, era ir ver o Sr. Arcipreste. Era, sem dúvida, a visita mais importante para mim. A minha mãe, aliás, tinha sempre o cuidado de me lembrar: «Já foste visitar o Sr. Arcipreste?» E lá ia eu visitar o pároco. Ele perguntava-me como iam os estudos, como era a vida no colégio, e falava-me sempre dos grandes jesuítas que ele conhecia. Conversávamos muito tempo. Não me recordo de nenhuma conversa em especial. Mas recordo-me que apreciava muito a atenção que ele me dava e o tempo que gastava comigo. Curioso: nunca o Sr. Arcipreste me perguntou se eu sentia vocação ou se tinha vocação para padre. Foi muito melhor assim. Talvez ele soubesse que isso era pergunta inútil. Ele era intuitivo ...

Estas visitas ao Sr. Arcipreste, sempre que vinha de férias, eram para mim como banhos espirituais que me enchiam por dentro.

Quando era noviço da Companhia de Jesus, sendo as visitas à família muito raras nessa altura, uma vez ou outra conseguia vir até Esposende. E, sempre que vinha, lá ia, como era hábito, até casa do Sr. Arcipreste. Tínhamos conversas longas. Ele falava-me de oração, de leitura espiritual, da vida dos santos (que ele conhecia a preceito porque era um grande pregador, extremamente culto), da acção da Companhia de Jesus, dos retiros que fizera, etc. Conversava comigo com uma grande cordialidade e tratava-me como se fôssemos dois colegas. Tive sempre a sensação de que ele me considerava com igual dignidade e reverência. Faz-me lembrar a atitude, algo parecida, do falecido Sr. Areias que, todas as vezes que me via passar na Rua Direita, sendo ainda menino de calça-curta, me saudava: «Olá, P.^o António». E eu muito longe de sonhar no altar! Mas a mensagem entrou-me.

Foram homens, como estes, que modelaram a minha vocação. O Sr. Arcipreste, porém, deixou as suas impressões digitais bem acentuadas. Foram precisos mais de 40 anos para Esposende dar à luz um sacerdote. E foi, sem dúvida, porque o

P.^o Pedrosa viveu todos esses anos a tempo pleno ao serviço humilde e generoso deste povo, que o Senhor chamou um dos seus «pequeninos». Foi ele quem preparou o terreno, cultivou a plantação do Senhor para que viesse a surgir uma vocação sacerdotal. Sem ele, Esposende não teria produzido nada. Sinto hoje a minha vocação muito dependente da influência espiritual do Sr. Arcipreste. *Ele faz parte daquilo que eu sou, e eu sou parte daquilo que ele fez.* Bem haja, Sr. Arcipreste.

P.^o Dr. António Meira Marques Henriques

3 — RECORDANDO UMA CONVERSA

Guardo, do Sr. Arcipreste, P.^o Adelino Pedrosa, recordações que não devem ser muito diferentes das de outros esposendenses da minha geração.

Quando se recorda a vida de um homem, sempre se encontram defeitos próprios da nossa natureza. Mas, caso singular, quando me recordo do Sr. Arcipreste, desde a época de 40 em que ele me dava a grande alegria de deixar tocar o sino, lá pelas seis da tarde, anunciando a novena na capela do S. João, até à época da sua morte, nada, absolutamente nada, me faz ver defeitos de qualquer espécie.

A imagem, é sempre a de um homem que traz consigo a paz e a concórdia. É também a imagem do padre, dedicado sem limites aos seus paroquianos e fiel à sua Igreja.

Estão nos altares, santos que devem ser exemplo para nós. Mas, para além desses, deve haver multidões de verdadeiros santos que, através dos séculos, nascem e morrem, após uma vida exemplar, sem todavia a notoriedade que justifique as cerimónias de uma beatificação. Ninguém me tira do convencimento que o Sr. Arcipreste vai nessa multidão.

Tendo-me acompanhado desde o baptismo, ainda com ele convivi nos primeiros anos após o casamento e nascimento dos filhos mais velhos.

Conheceu o meu foro íntimo. Deu-me muitas lições, a principal das quais foi o exemplo.

Tenho dificuldade em escolher, do que me disse e a minha memória conserva, o que mais me influenciou na vida.

Talvez aquela conversa, pelo meio dia de um Agosto do já longínquo ano de 1964, quando o acompanhei à Av. do Hospital, à casa aonde morava.

Referia-me eu, à minha vida profissional, ao ambiente em que ela se exercia e às preocupações que saltavam ao meu espírito: porque se não entendiam os homens, em coisas tão importantes como aquelas que constituem o dia a dia da sua vida?

«É que os homens, dizia-me o Sr. Arcipreste, só pensam em resolver esses problemas alterando estruturas sociais e políticas. E sempre haverá quem não esteja satisfeito com tais alterações».

«Ora, continuava ele, as verdadeiras soluções não estão fora de nós. Escusamos de as procurar, como o Diogenes com a lanterna. Residem no coração dos homens. Sejamos homens de recta intenção. Reconheçamos os direitos e deveres de cada um. Exercitemo-nos na prática das virtudes. O resto, que é muito, virá por acréscimo».

O tempo foi correndo.

Desde então, ouvi novos discursos. Vi multidões, da mesma ou outra gente, a escutar novos profetas. Observei o que uns dizem e outros fazem. O homem sempre à busca de melhores soluções de vida. Insatisfeito. Irrequieto. Fazendo e refazendo teorias salvadoras.

Mas não olhando a meios: mentindo, odiando, ambicionando desmedidamente, golpeando à esquerda e à direita para abrir caminho.

Como tudo seria diferente e quanto melhor não seria, se aquela conversa, ao meio dia de um Agosto do já longínquo ano de 1964, encontrasse eco no coração de cada um de nós ...

Lisboa, 14 de Setembro de 1981.

Eng.º João Maria Oliveira Martins

4 — A MINHA SINGELA HOMENAGEM

O Rev.º P.º Baptista de Sousa, actual e dedicado Arcipreste de Esposende, solicitou a minha colaboração no «In

Memoriam», que assinalará e transmitirá aos vindouros notícia bastante das recentes comemorações do «Centenário do Nascimento de Monsenhor Adelino Lopes Pedrosa», também de sua iniciativa — em boa e justa hora — e de que foi cuidado e diligente organizador principal.

Aceitei, sensibilizado, o honroso convite, embora pouco possa acrescentar ao que muito e lapidarmente foi dito sobre o Insigne Homenageado — inolvidável para todos os que tiveram a oportunidade de bem o conhecer. É o meu caso, como se verá, neste simples e despretencioso depoimento.

*

O «Sr. Arcipreste» foi quem me baptizou e ministrou a primeira comunhão (no longínquo ano de 1929, precisamente no «Dia de Reis»), em acto solene de «Profissão de Fé», presidido pelo Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, há muito falecido, parente próximo da família Barros Lima, desta vila. Desde essa altura, foi meu orientador espiritual até à adolescência, ajudando meus pais na sólida educação cristã que me pretendiam dar.

Quando, mais tarde, deixei de residir permanentemente em Esposende, continuei pela vida fora a recorrer ao seu avisado conselho, carinhoso apoio moral e, em férias, à sua prestante assistência religiosa, mantendo assim, bem viva, a admiração e a respeitosa simpatia, que a sua figura invulgar de Sacerdote e de Cidadão, logo me despertou.

Para essa imagem pessoal, modelada ainda na minha juventude, contribuiu muito a forma como meus pais se referiam, sempre, ao bondoso e simultaneamente austero «Sr. Arcipreste».

Na verdade, para exemplo a seguir fielmente pelos filhos, meus pais chamavam-nos a atenção pontualmente para a humildade cristã, os bons conselhos e a afabilidade de trato do nosso Reitor e Arcipreste, a par do firme espírito de isenção e independência, que lhe outorgava crescente prestígio, e permitiram manter incólume a sua autoridade no meio das frequentes perturbações políticas — e consequentes conflitos locais — durante os conturbados tempos da 1.^a República; e resistir às pressões da Ditadura ou às Tentações aliciantes da acção envolvente do Estado Novo: — sem deixar de colaborar com as ins-

tuições públicas mais diversas, soube, no entanto, conservar-se fora e acima de tudo o que pudesse dividir ou antagonizar os seus concidadãos e comprometer o seu «munus» e missão sacerdotais! Exclusivamente dominado pelas suas obrigações de «pastor de almas» e de zelador intransigente da dignidade e acção da Igreja Católica, cedo mereceu o reconhecimento, a estima e o respeito dos seus paroquianos, e até daqueles que, porventura, não eram crentes ou católicos. Deste inequívoco sentimento de apreço geral, são testemunho insuspeito as homenagens públicas que o «Sr. Arcipreste» recebeu — contra a vontade da sua verdadeira modéstia — nos momentos ou efemérides mais significativas de sua longa carreira eclesiástica.

Monsenhor Adelino Pedrosa conseguiu naturalmente, sem o querer — graças também à sua predestinada Vocação, experimentada e realizada desde a sua mocidade — notabilizar-se entre o clero tradicional, que aliás continua apreciável, mormente se se tiver em conta a grave crise e a instabilidade ético-social e política (de rótulo «progressista!!»), que vem sofrendo a nossa sociedade e a própria Igreja, afectando-a seriamente.

*

Tomei parte — atenta, apesar de somente presenciar — nos actos públicos, comemorativos do referido Centenário. Mas, a minha Homenagem, pessoal e íntima, essa, venho-a prestando há muito e, com mais fervor, a partir do falecimento de Monsenhor Pedrosa: nas minhas pobres orações e na evocação, quase semanal, da sua imponente e distinta silhueta, que visiono no altar da nossa (que foi tão Sua!) Igreja Matriz, quando celebrava — profundamente concentrado — a Missa Dominical.

*

Mais uma vez O recordei, nesse ambiente, emocionado, e rezei pela sua alma de Eleição, na Missa Solene concelebrada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Arcebispo de Braga, acto que culminou da melhor maneira a comemoração do Centenário do antigo Reitor e Arcipreste de Esposende.

Numa significativa «Recordação» ilustrada, que então me coube, sob a epígrafe «*Quero ser Ponte*», encontrei a síntese

perfeita do que foi a vida na Terra do saudoso Reverendo Padre, Monsenhor Adelino Pedrosa: nasceu e viveu inteiramente para «*unir*» os homens entre si, apaziguando-os e iluminando-os; servindo-lhes de «*ponte*», ampla e segura, no caminho de Deus, para salvação das suas almas, e para glória do Senhor!

Eis o que, providencialmente, foi «*a sua Missão e o seu Segredo*»!

(6.1.82)

Dr. Manuel Sobral Torres

5 — O MEU TESTEMUNHO DE UMA FIGURA EXTRAORDINÁRIA

Conheci Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa, quando eu ainda frequentava o Seminário de Braga. Todos os anos, no dia da reunião da O. V. S., lá estava esse venerando Arcipreste de Esposende para, no fim da sessão solene de boas-vindas por ocasião do almoço que se lhe seguia, ouvirmos a voz timbrada de Monsenhor Pedrosa. O seu brinde calava bem fundo no coração dos seminaristas. O tom da sua voz e o modo de se exprimir indicavam bem que era um Homem habituado a viver com as gentes da beira-mar.

Vi sempre na pessoa de Monsenhor Adelino Pedrosa uma figura extraordinária. Mas, melhor o conheci, quando a partir do dia 18 de Dezembro de 1951, como Arcipreste, comecei a ter mais contactos com o Monsenhor Pedrosa. Tantos e tais conselhos recebi da sua ilustre Pessoa, que jamais os poderei esquecer.

Recordo, com saudade, aquelas reuniões de Arciprestes em que Monsenhor Pedrosa tinha sempre uma palavrinha a dizer.

Sei que foi um dos grandes pregadores da Arquidiocese. Mas, as suas conversas quotidianas, com amigos e inimigos, pois, para ele, todos eram considerados irmãos em Cristo, eram uma verdadeira pregação. É que elas levavam as pessoas a reflectir. Que bem não espalhou através da Arquidiocese, mas, dum modo muito particular, no seu querido arciprestado de Esposende! Era sempre com entusiasmo e alegria que Mon-

senhor Pedrosa falava do distinto Clero de Esposende. Eram os seus Padres, como muitas vezes assim o ouvi exprimir-se.

Monsenhor Pedrosa e seus paroquianos da fidalga vila de Esposende formavam uma autêntica família modelo.

Bem andou Esposende e seu concelho em preparar congnamente a celebração do 1.º Centenário de tão ilustre Pároco e Arcipreste. Dar o seu nome a uma rua, será pouco. Homens deste quilate merecem uma estátua. Este meu testemunho é pequeno e pobre, mas falar dos grandes Homens não é fácil.

11-11-1981.

Cónego Rodrigo Alves Novais

6 — O MEU TESTEMUNHO

Monsenhor Pedrosa ... o «Sr. Reitor», como carinhosamente por todos sempre foi tratado, sem que aquele tratamento constituísse menos respeito pela sua Dignidade Eclesiástica.

Simplesmente, a expressão «Sr. Reitor» era mais um tratamento familiar, dado que cada um de nós o considerava como de sua própria família.

E não admira que assim sucedesse, pois à grande maioria não só baptizou, como casou e baptizou ainda seus filhos.

Aliás já havia na maioria dos casos casado também os pais.

Espírito culto e aberto, a todos atendia com a mesma educação e lhaneza, para com todos tendo sempre uma palavra amiga e de conforto, não dispensando o seu valioso conselho quando era mister que o fizesse.

Bondoso, o «deixai vir a mim as criancinhas» encontrou pleno eco em seu coração. Testemunho de tal, era a alegria com que as crianças, pequenas e mais crescidas, acorriam ao seu encontro a buscar a sua bênção. Então, carinhosamente, pousava a sua mão na cabeça de cada uma, sem distinção, despedindo-as sempre com uma palavra de carinho e um sorriso cheio de bondade. Para os mais idosos, tinha sempre uma palavra de conforto e cheia de esperança. As mesmas palavras de conforto e esperança eram dadas aos familiares de ausentes, por quem sempre interessadamente perguntava.

A alegria que sentia quando organizava o célebre «passeio das castanhas» para as crianças da catequese — normalmente acompanhadas por seus familiares e suas catequistas — embora exteriorizada, estamos em crer não poder ser comparada com a que sentia interiormente.

O «passeio das castanhas» ...! Quem não se recorda das idas anuais até ao largo de S. Roque, em Góios, onde quando a pequenada lá chegava chilreante como um bando de pardais, já se encontravam as castanhas a assar debaixo de enorme braseiro?! ...

E a expressão daquelas caritas cujas boquinhas estavam ansiosas pelas castanhas assadas e sempre acompanhadas pelo seu dedalzinho de vinho?! ...

Caritativo, dava plena expressão ao «não saiba a mão esquerda o que é dado pela mão direita». Quando das suas visitas aos seus doentes mais pobrezinhos deixava sempre uma dádiva debaixo do travesseiro. Fazia-o assim, dissimuladamente, para não ofender o recebedor da sua dádiva.

Compreensivo para com a Juventude, irreverente como sempre, Monsenhor Pedrosa, inteligentemente aceitava tais irreverências, não deixando contudo de através da sua palavra conselheira e sincera de a chamar à razão e ao bom caminho.

Dotado de forte personalidade sabia demonstrá-la na altura própria, não por imposição mas sim, pelo calmo diálogo e esclarecimento, dizendo da razão dos seus pontos de vista.

Este o testemunho sobre Monsenhor Pedrosa o «Sr. Reitor» que, embora modesto, me sinto na obrigação de prestar.

Novembro/81.

Armando Duarte

7 — A CATEQUESE QUE O SR. REITOR NOS ENSINOU

Já lá vão muitos anos! Desse tempo distante, recordaremos que o Sr. Reitor de Esposende, que mais tarde veio a ser Monsenhor Pedrosa — era uma bela alma de Sacerdote e de Pastor, que durante meio século de trabalho encaminhou, com bondade e perseverança, várias gerações de esposendenses para o redil espiritual de Cristo.



Na Casa de Gandra — 1968



Na 1.^a Missa do P.^e Cândido Pedrosa, aos 16-8-1969



Sessão Solene na Câmara Municipal Homenagem do 1.º Centenário



*Concelebração na Igreja Matriz, presidida por D. Eurico D. Nogueira
Homenagem do 1.º Centenário*

A Catequese às crianças foi sempre a sua base de trabalho fecundo e activo — o seu pensamento constante. Formar e educar, no sentido cristão, as crianças que o Senhor lhe confiou, nesta Paróquia de Santa Maria dos Anjos, era a sua aspiração supremal

Daí termos conservado algumas recordações, que não mais nos esqueceram: coisas simples, impressões de infância que hoje revivemos.

*

Tal como hoje, na Catequese, aos domingos, éramos distribuídos em pequenos grupos ou classes e ensinados por uma catequista, que procurava, tanto quanto possível, manter-nos em respeito e atentos ao ensino! Devemos lembrar, como exemplos edificantes, as Sr.^{as} Vianas e sobrinhas, a D. Rosinha Fernandes, a D. Efigénia Leitão e a sobrinha D. Celeste Pinheiro, felizmente ainda hoje viva!

O Sr. Reitor tinha a seu encargo os mais adiantados e, de vez em quando, passava em revista o comportamento dos grupos dos mais novos. A sua presença de homem de estatura elevada, mas de expressão bondosa, dáva-nos tranquilidade. Não o temíamos, antes o respeitávamos como a um pai muito amigo.

Supomos hoje, que, nesse tempo, nós fazíamos menos barulho, dentro da Matriz, do que as crianças da catequese actual. Nós devíamos ser um pouco mais «quietinhos» ... e prestaríamos maior atenção ao ensino das senhoras catequistas, porque elas eram pessoas que se impunham e se faziam respeitar, convencendo-nos bem que estávamos na Casa de Deus, na presença de Jesus no Sacrário!

Esta recomendação era muito importante para nós, embora tivéssemos uma ideia infantil, inocente, sobre a presença Eucarística de Jesus no meio de nós! Isso bastava para raríssimas vezes haver traquinices demasiadas dentro da nossa Igreja Matriz, na hora da catequese. — Éramos todos «santinhos»? — Ai, isso não! ... Mas o Sr. Reitor era tolerante, sabia desculpar-nos: tinha sempre presente no seu pensamento as palavras de Jesus aos Apóstolos:

— *«Deixai vir a mim as criancinhas!»*

— *«Ai daquele que escandalizar um destes meninos!»*

— *«É da boca das crianças que nos vem toda a verdade!»*

Ele tinha o dom especial de nos cativar. Quando em qualquer rua, ou largo da vila, jogávamos ao pião ou à bandeirinha e o víamos passar em qualquer missão de caridade ou de visita aos enfermos, nós largávamos tudo das mãos e corríamos logo ao seu encontro. Agradecido, logo nos abençoava paternalmente e recomendá-nos juízo nas brincadeiras, e que não faltássemos à catequese no próximo domingo ...

De uma vez contou-nos uma grande surpresa, para nós crianças desse tempo: — «Que sabia nadar e mergulhar no rio, tanto ou quanto os rapazes de Esposende sabiam, quando os vira no cais do salva-vidas lançarem-se à água, numa certa tarde de Verão!»

*

Mas quem é que faltava à catequese aos domingos? ... Raríssimas crianças! Havia um atractivo simples, que nos prendia, no aspecto de convívio: eram os passeios das cerejas e das castanhas, nas suas devidas épocas.

Saíamos da Matriz aí pelas 2 horas da tarde, em filas — rapazes e meninas — e um de nós era o porta-bandeira, cantando todos alegremente o Hino da Catequese, com o Sr. Reitor ao nosso lado, Rua Direita abaixo, rodando na Avenida de Góios, até lá acima ao terreiro de S. Roque. Era uma alegria esfusiante! Aquele largo enchia-se, porque muitas pessoas nossas amigas nos acompanhavam até Góios! A merenda era distribuída, segundo a verba orçamentada com muita antecedência, e todos brincávamos e andávamos à roda, ou então fazíamos as nossas traquinices do costume ...

A maior de todas, era a escalada do Monte do Faro, até lá ao cimo, onde hoje se encontra o Marco Geodésico, caiado de branco ... Era tão linda aquela vista! ... o mar azul ao longe!, um navio que passava na linha do horizonte!, o rio transparente!, o farol e o torreão do salva-vidas, a ponte de Fão, os moinhos da praia da Apúlia, os campos verdejantes. Que lindo tudo isso era, visto lá das alturas!!!

Depois vínhamos contar ao Sr. Reitor as maravilhas que vimos do alto do Faro! E inventávamos raposas e animais bravios que tínhamos visto, e grutas escondidas onde havia histórias de mouras encantadas!

Ele admoestava-nos, com bondade, e depois sorria, pensativamente ... Que mal haveria em subir o monte?!!! Quantas vezes o Seu Mestre muito amado subira, também as montanhas da Palestina, seguido das multidões sequiosas dos horizontes eternos da Sua Palavra!? ...

... E depois dizia às catequistas: voltai a distribuir o que sobrou a estes traquinas corajosos!

Ao cair da tarde — todos formados — regressávamos também a cantar, em marcha triunfal, a dar vivas a Cristo-Rei e ao Sr. Reitor, nosso amigo, felizes da vida, por tão belo passeio!

*

Recorda-nos ainda, desse tempo distante, ouvir pregar na Matriz, um padre muito velhinho — a quem toda a gente chamava Santo! — Era o P.º Cruz, que também nos falou, durante um sermão pequenino, na nossa Comunhão Solene, talvez em 1928. Magrinho, cansado, ascético, de olhos muito vivos, tinha a voz muito suave: só quem estivesse muito próximo dele, o poderia entender. Junto da coluna norte do arco cruzeiro armaram-lhe ali um púlpito — o de S. João — e dele nos falou: «Meus meninos e meninas, sede bons, uns para com os outros; bons para os vossos pais e professores. Sede bons e obedientes ao vosso Pastor. Ide sempre à escola ... vinde sempre à catequese. Amai Nosso Senhor, que é de todos o vosso maior Amigo. Amai Nossa Senhora, nossa Mãe do Céu!»

Era só isto que ele nos soube dizer, e parece que às pessoas grandes, pouco mais acrescentava! Teria estudado pouco? ... Não era esse o seu caso! Ele era um novo pobrezinho de Assis!, um desprendido da terra que calcava muito levemente! Ainda nos recordamos vê-lo celebrar a missa no altar do Sagrado Coração de Jesus, acolitado pelo Sr. Reitor. Demorou tanto tempo!!! Mas o seu rosto parecia-nos diferente, enquanto celebravall!

*

O Sr. Reitor não era assim um Santo, como o P.º Cruz. Mas tinha por ele uma veneração imensa! E trouxe-o a Espo-sende para que todos o conhecêssemos — uma alma toda entregue ao serviço de Deus — a imagem viva de Cristo entre nós!

A Acção Católica
No tempo do Sr. Arcipreste, Monsenhor Pedrosa

Por volta de 1935-36 começou a falar-se, entre nós, em Acção Católica. Mas a mocidade desse tempo não entendia bem o que isso significava. Era uma expressão nova e um tanto estranha, no nosso meio limitado, que começava a ouvir-se como coisa longínqua, talvez inacessível às nossas forças!

Todavia, o Sr. Arcipreste de Esposende começou a falar nas homilias, esclarecendo o que representava para a Igreja a nova cruzada da Acção Católica no nosso País e em todo o mundo — sob as bênçãos de Sua Santidade o Papa Pio XI.

Foi então que em 8 de Dezembro de 1936, na Festa da Imaculada Conceição, algo de novo se passava na Matriz de Esposende: uma falange de jovens, já com a sua bandeira, encimada pela legenda «COR UNUM ET ANIMA UNA», tomava parte no Santo Sacrifício da Missa, entoando cânticos novos. E dialogavam com o celebrante, lendo-se-lhes nos rostos sadios uma alegria comunicativa, que transbordava e se comunicava a todas as outras pessoas, surpreendidas pela novidade!

E essas jovens esposendenses começaram a ter reuniões de piedade, reuniões de estudo e logo se interessaram por todas as actividades paroquiais: foram zeladoras de altares; tornaram-se catequistas; próximas colaboradoras das Conferências Vicentinas; visitavam os enfermos no Hospital; e atraíam ao seu ideal as raparigas menos favorecidas em educação e ensino religioso.

Toda esta actividade constituía, pois, a organização da Juventude Católica Feminina de Esposende, que teve na sua primeira direcção inicial:

Maria da Glória Pedrosa, presidente; Maria de Lourdes Viana Sousa Ribeiro, secretária; e Joaquina Nunes Beirão, tesoureira.

Prosseguindo na sua caminhada — que era o ideal de Cristo! — as jovens esposendenses atingiram um número de 60 filiadas e logo tomaram parte activa nas primeiras concentrações da Juventude Católica a nível concelhio e arquidocesano. E também estiveram presentes no I Congresso Internacional da Juventude Católica Feminina, em Fátima, realizado provavelmente em 1939.

*

Do seu exemplo edificante e do trabalho persistente do Sr. Arcipreste, se formou entre nós, a Juventude Operária Católica (JOC), talvez entre 1937-38, tendo como primeiro presidente da direcção o Manuel Baptista Marques Henriques, que viria depois a emigrar para o Brasil, levando consigo a família, que na sua terra constituiu.

Para nos animar e incentivar, o nosso bom Arcipreste — nosso assistente espiritual — ofereceu-nos imensos livros e revistas para que formássemos uma pequena biblioteca — iniciativa que logo tomámos, e que nos trouxe nova forma de pensar e agir sobre o valor da vida, à luz do Evangelho.

Eram obras de bons autores católicos, nacionais e alguns estrangeiros, sobretudo franceses, como François Mauriac, Marden, Quénard, e outros. Tínhamos também obras de ficção científica e de aventuras marítimas ...

Pois, de cada livro que líamos, cada um de nós fazia uma apreciação por escrito, segundo as suas possibilidades intellectuais, que eram modestíssimas em todos nós ...

Mas, enfim ... depois de cada uma dessas apreciações ao livro que se lia — nas reuniões mensais ou nas sessões de estudo — era feita uma leitura em voz alta, para que todos ouvíssemos.

Era interessante e bastante proveitoso este método aprovado e incentivado pelo Sr. Arcipreste, que ficava radiante de alegria!

Além desta biblioteca pequena e reuniões de estudo, organizávamos campeonatos de ping-pong, no pequeno salão da JOC, onde hoje se encontra o mini-museu da Matriz. Também tivemos, durante uma boa temporada, um pequeno grupo coral, sob a direcção paciente do Sr. Arcipreste. Bom ou mau, razoável, talvez! — o certo é que abrilhantámos alguns tríduos do Sagrado Coração de Jesus, com todo o nosso entusiasmo!

*

No capítulo «eleições», alguns se revelaram futuros políticos, muito hábeis na conquista de votos para a Direcção. Salientou-se nesse aspecto o Manuel Marques Henriques, que

sabia facilmente ganhar uma eleição quando assim entendesse ... E o falecido Belmiro do Rosário era sempre, infalível, o seu secretário perpétuo!

Que bons tempos!, e que graça tem o passado!

Idêntico entusiasmo, nas eleições, se registava na Juventude Feminina — eleições bem discutidas — facto que, soube-mos há pouco, se registou até 1972.

Nós podemos recordar hoje — com saudade tranquila — os grandes Encontros Diocesanos e Nacionais da Acção Católica, em que tomamos parte na cidade de Braga e no alto do Sameiro — nesse tempo de entusiasmo generoso — onde as Missas Campais eram presididas pelo Sr. Cardeal, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, ou pelo Sr. Arcebispo, D. António Bento Martins Júnior.

Era uma multidão incontável de gente moça, em uniforme branco e azul, num coro falado empolgante, indescritível — toda unida em Cristo-Trabalhador.

E o nosso Assistente Eclesiástico — Monsenhor Pedrosa — sempre presente, ao nosso lado, em toda a parte, como bom amigo, pastor e guia!

Muito lhe devemos! Que Deus o tenha recompensado na sua Eterna Glória!

Por tudo isto que aqui recordamos, e pelo muito mais que se deveria dizer sobre a sua laboriosa obra de apostolado e de caridade cristã — como esposendenses, aqui deixamos a expressão da nossa gratidão imensa à sua memória veneranda.

Domingo do Espírito Santo de 1981.

B. A. R.

8 — MONSENHOR ADELINO PEDROSA O ARCIPRESTE E O AMIGO

Muito se tem dito e escrito sobre o sacerdote modelar que foi Monsenhor Pedrosa. E quantos o conheceram de perto sabem que as palavras dificilmente definem e muito menos esgotam a sua rica personalidade.

Sem quaisquer pretensões de trazer novos elementos à

sua biografia, limito-me a referir alguns contactos pessoais que com ele tive na vida.

Era eu ainda menino quando comecei a conhecê-lo nas pregações que ia fazer a Vila-Chã, onde o povo tinha por ele grande apreço e admiração. A sua pregação era simples e clara como a sua alma.

O povo entendia-o plenamente e bebia, ávido, as suas palavras apostólicas.

Recordo-me bem de o ver no Sameiro, na Primavera de 1929, numa peregrinação do arciprestado de Esposende em que também me incorporei. À medida que fui crescendo ia conhecendo melhor a figura insinuante do Sr. Arcipreste e o seu prestígio aumentava a meus olhos.

Os nossos contactos aumentaram naturalmente, e a sua amizade acentuava-se cada vez mais e disso dava provas em todas as oportunidades.

Sempre disponível e prestável, sempre delicado e sorridente, era cativante a sua presença e a sua companhia. Além disso era culto e inteligente: lia, estudava e actualizava-se constantemente, de forma a ter uma conversa enriquecedora, variada e atraente, sempre revestida da leveza e fidalguia que lhe eram inatas.

Não feria ninguém. É certo que o zelo pelo desempenho das suas funções de Arcipreste o levava a urgir o cumprimento das leis. Mas com custo o fazia e sempre muito delicadamente.

A bondade, a disponibilidade, a cortesia, o desejo de servir eram predicados salientes e notórios e fizeram dele um conselheiro avisado e um seguro e apreciado director de consciências.

Não são frequentes pessoas do seu nível.

Quer como homem, quer como sacerdote era exemplar. A sua pessoa impunha-se naturalmente, por si mesma, pela força e riqueza do espírito que a animava.

A sua residência paroquial era uma Betânia. A sua santa irmã era, na sua humildade, uma reprodução do Sr. Arcipreste: ou não fôsse irmã gémea ...!

A sobrinha, D. Maria da Glória, era a solícita Marta, sempre incansável e risonha para que os seus hóspedes se sentissem bem. Ainda hoje será difícil encontrar ambiente doméstico tão acolhedor e amigo como aquele que Monsenhor Pedrosa nos preparava.

Das numerosas pessoas que tenho conhecido na vida, o Arcipreste Pedrosa ocupa, sem favor, um dos primeiros lugares. Considero-o um modelo, um exemplo a seguir.

Na sua humilde simplicidade, subiu a um nível e vivia numas alturas onde poucos chegam.

Que do Céu, onde cremos já estar, continue a proteger a terra de Esposende e o seu povo que tanto amava.

E que todos nós, seus amigos e admiradores, mais do que proclamar as suas virtudes nos empenhemos em lhe seguir os passos.

P.º Pires Afonso

9 — ALGUNS PASSOS DA SUA VIDA

Falar de Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa, do «Sr. Arcipreste»! ...

É falar de um Santo! ...

É uma honra ... mas também uma responsabilidade.

Sinto, no entanto, que é um dever prestar-lhe, mesmo através de palavras pobres, como estas, a nossa homenagem.

Recordo o Sr. Arcipreste com muita veneração: acompanhou-me espiritualmente durante anos.

O meu respeito pela sua personalidade, a minha admiração pela sua cultura, a minha atenção pelas suas palavras, o meu enlevo pela sua santidade, dão-me força para testemunhar *alguns passos da grandeza da sua Vida!*

Estou a vê-lo passar na rua, figura distinta e respeitável, na sua batina preta, e as crianças (eu entre elas) a correrem para ele ...

Pousava a mão sobre cada cabecinha que se lhe aproximava ...

Lembro as suas aulas de Catequese com as crianças reunidas nos «bancos» da igreja ...

No fim, todas dele se abeiravam, rodeando-o, ansiosas e preocupadas, não acontecesse que aquela mão lhes não tocasse como bênção ...

Que belas lições! ...

Apreciava-lhe as qualidades pedagógicas excepcionais, tanto quando era criança, como catequista, depois.

Quero lembrar as visitas que eu e as minhas irmãs lhe íamos muitas vezes fazer: beijávamos-lhe respeitosamente a mão e éramos recebidas com estas palavras amigas: — «Então como estais, nossas meninas?»

E ficávamos horas à volta da sua secretária a ouvi-lo falar de variadíssimas coisas, sempre de grande interesse.

Quando, talvez de regresso de alguma visita a doentes, passava à nossa porta, por vezes entrava e ficava-se conversando, junto à escrivaninha, com o meu Pai.

A minha Mãe aproximava-se logo.

E se alguma de nós, eu ou as minhas irmãs, pressentíamos a sua presença, também íamos, curiosas e atentas, ouvi-lo: notícias de vária ordem, descrições, relatos de leituras, etc., etc., tudo contado com graça e encanto!

O meu Pai ouvia-o religiosamente e a minha Mãe ficava de semblante feliz.

Quando se retirava ficava na nossa casa um bocado de cultura e graça ...

Então, o meu Pai dizia-nos: «Não se lhe pode perder uma palavra!».

A minha Mãe dizia enlevada: «Homem perfeito!»

Não posso deixar de lembrar aquelas «meditações» feitas nas manhãs das «primeiras sextas-feiras», com as crianças distribuídas em duas filas, desde o altar-mor à porta da igreja ...

No fim de o ouvir apetecia ser-se bom!

E as reuniões da «Acção Católica»?!

Orientados com cuidado e dedicação aqueles «colóquios» chamavam-nos às responsabilidades da vida, mas proporcionavam-nos um alegre convívio.

Com que entusiasmo se dirigia àquela «juventude»! ...

Homem culto, transparecia-lhe a paz de consciência e notava-se-lhe felicidade.

Comunicava essa paz e boa disposição aos outros.

E tantas e tantas outras coisas maravilhosas que eu poderia referir ...

São apenas «retalhos» da vida de um Santo Pároco!

De pequenina foi crescendo comigo a admiração e o respeito por aquela figura de Sacerdote Exemplar.

Curvo-me perante a sua memória e peço-lhe que, junto

do Senhor, não esqueça aqueles que hoje o veneram e recordam com saudades!

Prof.^a Maria Amélia de Areia

10 — A MINHA HOMENAGEM

Ao saber que o arceprestado de Esposende ia homenagear aquele que foi seu Arcipreste durante um bom par de anos, Monsenhor Adelino Pedrosa, pela passagem do 100.º aniversário do seu nascimento, fiquei contente, pois ele bem a merece.

Desde pequeno, quer criança da escola, quer seminarista, sempre ouvi falar do Sr. Arcipreste com muita estima e admiração, como pessoa muito querida.

A princípio desconhecia a razão de tal veneração, mas, à medida que o tempo ia passando e tinha ocasião de contactar com ele, essa ignorância desvanecia-se, pois a sua vida ia-me dizendo o porquê.

De facto, o Sr. Arcipreste além de ser um grande orador, um confessor exímio, um director de almas seguríssimo, era uma pessoa muito virtuosa, culta, sempre actualizada, «aggiornada» como hoje se diz.

Era agradável conversar com ele, pois além de manifestar boa composição literária na frase que construía, era profundo nos assuntos que versava, sabia dialogar e acabava muitas vezes por dizer: «Vós, os novos, é que sabeis». Sem dúvida, que este modo de dizer não só mostrava a humildade da sua pessoa, mas também a sua psicologia, pois era um forte estímulo que procurava dar àqueles que estavam a iniciar os seus passos.

Mas, não posso deixar de dizer mais o seguinte: o Sr. Arcipreste era acima de tudo um grande amigo dos colegas, mormente dos seus padres e um óptimo conselheiro.

Quantas vezes me aproximei dele e perante um problema ou uma dificuldade maior lá estava a sua palavra certa e o conselho oportuno. Parece-me estar a ouvi-lo: «Olha, se uma pessoa não receber neste mundo a recompensa dos irmãos que serve, é porque o Senhor, nos quer dar no Céu, uma recompensa maior». Como a dizer-nos: não há que desanimar, para a frente é que é o caminho.

Quando algum de nós se atrasava em apresentar os mapas paroquiais ou qualquer outra coisa que tinha de ir para Braga, lá estava ele com toda a delicadeza, própria duma pessoa inteligente e virtuosa, a dizer: veja lá se pode enviar isto ou aquilo, pois de modo algum queria ver o nosso arciprestado a ser ultrapassado, perdendo assim a «camisola amarela».

Era agradável vê-lo satisfeito por o arciprestado ser sempre o primeiro ou dos primeiros a marcar presença no que dizia respeito à vida da arquidiocese.

Contactei muito de perto com ele nos últimos anos da sua vida e como me edificaram a sua piedade e a conformidade com a vontade de Deus!

Por tudo quanto dele recebi, de exemplo, de ajuda e de amizade, pois era sempre com um sorriso nos lábios que me recebia, não posso deixar de lhe dizer: obrigado Sr. Arcipreste e que Deus me conceda a graça de o ver um dia na bem-aventurança eterna, onde espero que já esteja.

P.º Avelino Filipe

11 — UMA PEDRINHA

Tendo tomado conhecimento da iniciativa, a todos os títulos louvável, de assinalar o centésimo aniversário do nascimento do saudoso Sr. Arcipreste de Esposende, Monsenhor Pedrosa, eu quero felicitar o meu caro condiscípulo, P.º Baptista de Sousa, actual Arcipreste, pela promoção desta homenagem.

Talvez alguém a intitule «Homenagem Póstuma». Eu não a considero «póstuma» porque o desaparecimento daquele simples corpo mortal, só fez com que essa alma imortal, aureolada de tantas virtudes, ficasse bem viva e de tal modo ligada a todos os que tiveram a dita de com ele conviver, que eu considero esta original homenagem como a prova mais evidente de que ele continua bem vivo, não apenas na memória, mas sobretudo na vida de quantos o conheceram, admiraram e procuraram copiar aquelas virtudes que ele cultivou em tão alto grau.

Ora, eu que tive essa felicidade, aqui quero deixar também uma «pedrinha» para ajudar a levantar-lhe um monumento imperecível.

No jardim perfumado de tantas virtudes, ele cultivava uma flor que é difícil ver-se. Apenas se descobre pelo perfume que exala: a violeta. Pois Monsenhor Pedrosa procurou sempre esconder-se na sua humildade, simplicidade, dedicação pelos mais infelizes e numa grande interioridade com Deus.

Estou certo que, foram estas virtudes que mais seduziam as almas e as atraíam a Deus.

Como tantas vezes tive a felicidade de me inebriar do perfume dessas virtudes, aqui fica o testemunho da minha indelével gratidão a esse bom servo de Deus e ao próprio Deus.

P.º Henrique Macedo

12 — DUAS CARTAS

De Monsenhor António de Araújo Costa, Dom Prior de Guimarães e amigo de Monsenhor Pedrosa, a quem enviámos o programa das Comemorações Centenárias recebemos a seguinte resposta:

Guimarães, 8-12-81.

Sr. Arcipreste

Recebi o programa das Comemorações Centenárias de Monsenhor Adelino Pedrosa, e logo formulei o propósito de estar presente, pois tenho gratíssimas recordações desse exemplar sacerdote que sempre me edificou nos primórdios do meu sacerdócio, e mesmo antes, no tempo do Seminário.

A conselho médico não devo fazer longas viagens e muito menos conduzir o carro frequentemente.

Venho pois apresentar as minhas desculpas e estarei presente em espírito, ao mesmo tempo que celebrarei a Eucaristia por sua alma nesse dia.

Aceite, Sr. Arcipreste, os meus melhores cumprimentos e bem hajam quantos tomaram a peito estas comemorações.

Com fraternal amizade.

Monsenhor António de Araújo Costa

*

Da Sr.^a D. Maria Arminda de Sousa Ribeiro da Cruz, que muito trabalhou nos movimentos paroquiais no tempo de Monsenhor Pedrosa, e a quem solicitámos um testemunho, recebemos a carta seguinte:

Carcavelos, 6 de Janeiro de 1982.

Ex.^{mo} Sr. Arcipreste

Apresso-me a responder à sua carta, não com o intuito de ter a honra de colaborar no livro em homenagem a Monsenhor Pedrosa, mas porque tive uma pena imensa de não poder estar presente no dia 12 de Dezembro para testemunhar pessoalmente todo o meu reconhecimento, toda a admiração que sinto por esse Homem Santo que foi o meu guia na minha adolescência e juventude.

Diz o Sr. Arcipreste que trabalhei na Acção Católica e é certo. Mas muito mais convivência, não sei se não seria, aquela que durante muitos anos existiu com a catequese e com o grupo que então cantava nas cerimónias religiosas. Todas essas actividades faziam com que o lidar-se com tal Personalidade, a Fé ganhasse força e a vida tivesse a finalidade em Deus.

As recordações desde a minha primeira Comunhão são tantas, conselhos, a palavra oportuna, o seu carinho para com as crianças, a sua preocupação com a Família, tudo isso é como uma avalanche que enche a minha memória. Nunca poderei esquecer Monsenhor Pedrosa!

Guardo alguns «santinhos» com muito carinho e tenho uma carta já escrita em 1963, e que tenho estado desde ontem em luta, pois não sei se lha devo enviar, se não. Por um lado acho que o Sr. Arcipreste poderia gostar de a ler, por outro talvez seja muito pessoal. Enfim, sempre lha mandarei mas queria pedir-lhe muito que depois ma voltasse a enviar, se não lhe der demasiado trabalho. É que para mim é uma relíquia. Nela transparece a santidade, a simplicidade, quase diria a humildade daquela Alma, que nos faz sentir bem pequeninos ...

Não sei se pude contribuir de algum modo, com as minhas palavras aqui escrevinhadas, ao seu pedido.

Com os meus respeitosos cumprimentos peço a Deus que o ajude nessa obra.

Maria Arminda de Sousa Ribeiro da Cruz

IN MEMORIAM

(A Monsenhor A. Pedrosa)

*Homem simples
Que lutou na vida
E foi condutor de multidões;
Homem austero
Que se tornou amigo
E foi pastor de almas;
Homem justo
Que amou a verdade
E foi sacerdote de Cristo;
Homem santo
Que apregoou o Evangelho
E foi pároco devoto;*

*Acariciou as crianças
Em cada página do catecismo;
Não se cansou do dever
Em cada caminhada litúrgica.*

*Homem que foi do passado,
Revivido no presente,
Como exemplo do futuro.*

M. M. da Silva Costa
12/12/81

APÊNDICE

(DOCUMENTOS)

Doc. n.º I

*Excelentissimo e Reverendissimo
Senhor Arcebispo Primaz*

Nós, os abaixo assinados, membros da palestra do circulo n.º 3, reunidos na residencia parochial de Palmeira do Faro, vimos perante Vossa Excelencia Reverendissima, protestar mais uma vez a nossa obediencia e filial respeito, desagravando juntamente Vossa Excelencia Reverendissima de ofensas públicas, verbaes e escritas, de que tem sido alvo neste arceprestado por parte de subditos rebeldes. Levamos também ao conhecimento de Vossa Excelencia Reverendissima de que este protesto e desagravo ficou consignado por unanimidade de opinião na respectiva acta, bem como ficou resolvido que este protesto chegasse às mãos de Vossa Excelencia Reverendissima, por intermédio do nosso Reverendissimo e digno presidente e Arcipreste Padre Adelino Maria Lopes Pedrosa.

Palmeira, 28 de Abril de 1920.

P.º Adelino Maria Lopes Pedrosa
P.º António Alves Nogueira
P.º Albino Alves Pereira
P.º José Dias Carqueijó
P.º Manuel Martins Cêpa
P.º Francisco Dias Cobêlo Soares
P.º Carlos Pereira da Fonseca Lima
P.º José Manoel de Souza
Diácono Luiz Martins Capitão
P.º Anselmo Boaventura Rêgo
P.º Eduardo Boaventura Rêgo
P.º Manoel Martins de Sá Pereira.

Doc. n.º II

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor

Nós, abaixo assignados, presidente e membros das conferencias ecclesiasticas do centro de S. Paio de Antas, Arciprestado de Espozende, vimos perante V. Ex.^a Rev.^{ma} cumprir um imperioso dever, a que nos obriga a nossa qualidade de padres obedientes e submissos ao seu Rev.^{mo} Prelado.

E', infelizmente, grande, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor, a tempestade que se desencadeou sobre tres freguesias dêste Arciprestado: Belinho, Fão e Marinhas, tempestade que bem traduz a completa ausencia de fé e temor do Senhor nos seus promotores, manifesto desprezo pelo compromisso solênemênte tomado no acto da sua ordenação, o mais inqualificavel espirito de revolta, e que é a causa de tão grave escandalo e ruína para as almas, e que a V. Ex.^a Rev.^{ma} tem custado momentos de verdadeira amargura, ferindo profundamente o seu coração de Prelado zelossissimo.

Avaliamos bem a amargura de V. Ex.^a Rev.^{ma} e sem deixar de ter compaixão pelo desnorreamento dèsses nossos irmãos no sacerdocio, não podemos também furtar a nossa voz de protesto contra a sua rebeldia, e de declarar, alto e bom som, que não somos solidarios nos seus desvarios, e que estamos incondicionalmente ao lado de V. Ex.^a Rev.^{ma}, e a Deus Nosso Senhor pediremos que os illumine e os converta.

Digne-se, pois, V. Ex.^a Rev.^{ma} aceitar os nossos protestos de muita submissão e inteira e incondicional obediência e permita que lhe beijem o sagrado anel os de

*V. Ex.^a Rev.^{ma}
humildes súbditos*

S. Paio de Antas, e sala das conferencias ecclesiasticas, 27 de Abril de 1920.

*O Presidente — Abade José Martins
P.^o António Martins Lêdo
P.^o Augusto Maria de Carvalho
P.^o Joaquim José Gomes dos Santos
P.^o Joaquim Gonçalves Gomes Beirão
P.^o Manoel Joaquim Rodrigues Lima
P.^o João Augusto Fernandes Pereira
P.^o Adelino Ferreira da Costa*

Doc. n.º III

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

No dia 26 do mês de Abril proximo findo teve lugar em Fonte Bôa a palestra do circulo n.º 3, formada pelo clero das freguesias de Fão, Fonte Bôa, Apúlia e Rio Tinto.

Aberta a sessão o presidente propoz que se lavrasse na acta um protesto contra o que neste Arciprestado se tem dito e escrito contra o seu venerando Prelado, o Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz o que constitue um verdadeiro desacato á autoridade e obediencia devidas ao seu Prelado e á Igreja que amamos como filhos e sacerdotes dedicados. Esta proposta foi unanimemente aprovada pelo clero, que constitue esta palestra.

Vimos pois aos pés de Vossa Excellencia Reverendisima beijar o sagrado anel, como protesto de obediencia filial á autoridade do seu Prelado e da Igreja, e como desagravo da mesma auctoridade ofendida, cujos factos offensivos sinceramente reprovamos.

Fonte Bôa, 27 de Abril de 1920.

P.^o Bernardo dos Santos Portela

Pároco de Apúlia

P.^o João José Gonçalves

Pároco de Rio Tinto

P.^o Joaquim Emilio António Gonçalves

Pároco de Fonte Bôa

P.^o Alvaro Avelino dos Reis

P.^o José Martins Branco.

Doc. n.º IV

PROVISÃO

D. MANUEL VIEIRA DE MATOS, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primás das Espanhas

Fazemos saber que tendo Nós, por Decreto de 13 de outubro de 1919 lançado o interdito á igreja paroquial da fréguezia de Belinho, do Arciprestado de Espozende, em virtude dos graves desacatos cometidos contra o seu legitimo Pároco e da rebelião dos paroquianos contra as determinações legítimas da autoridade; e atendendo a que os culpados têm dado ultimamente sinais inequívocos de arrependimento e mostrado disposições de repararem quanto possível os escândalos resultantes da sua attitude primitiva de desobediência e indisciplina: Havemos por bem cometer ao M. R. Arcipreste de Espozende, nos termos do cân. 2236, § 1, os poderes necessários para levantar o interdito da igreja paroquial de Belinho, logo que a seu juízo, tenha sido dada satisfação condigna e oferecido suficientes garantias de reparação do escândalo, devendo, antes de proceder à abertura definitiva da igreja ao culto público, ordenar preces públicas por tempo conveniente, ou outras demonstrações de desagravo equivalente. Também a seu tempo Nos dará conta o M. R. Delegado do uso que fez das presentes faculdades e do modo como se desempenhou da Comissão. Para constar Mandamos passar esta que será enviada ao M. R. Arcipreste de Espozende para seu conhecimento e devidos efeitos. Dada em Braga, sob o Nosso Sinal e

Sêlo das Nossas Armas, aos vinte e um de Fevereiro de 1921. Eu Manuel Pereira Júnior, Notário a subscrevi.

Manuel, Arcebispo Primaz.

Doc. n.º V

Atesto que no dia vinte e seis do corrente mês e ano foi executada esta Provisão em todos os seus pontos. Por ser verdadeiro passo êste que vai corroborado com algumas testemunhas do facto.

Testemunhas: Manuel Fernandes Pereira, Sebastião Afonso de Almeida, Manuel de Sá, Domingos Gonçalves Pereira, João Gonçalves Rites, João Alves Coutinho, Sebastião Rodrigues Lima, António Lourenço Pereira.

Fizeram-se preces durante três dias, sempre muito concorridas. No último dia subi ao púlpito, li em profundo silêncio a Provisão, falei-lhes da paz e união em Jesus Cristo e em seguida celebrei a Santa Missa, terminando com exposição do SS. Sacramento e bênção. Era geral o contentamento.

Esposende, 2 de Março de 1921. — O Arcipreste, *Padre Adelino Maria Lopes Pedrosa.*

Doc. n.º VI

FRÊGUESIA DAS MARINHAS

Terminaram felizmente os embaraços que impediam o legitimo pároco de exercer livremente o seu ministério na paroquial igreja de S. Miguel das Marinhas.

Assim relata o facto em comunicação datada de 1 de agosto o M. R. Arcipreste de Esposende:

«No dia 3 de Julho com o levantamento do Interdito da igreja de S. Miguel das Marinhas, terminaram neste Arciprestado as dificuldades que nestes ultimos dois anos o vinham agitando. Nesta das Marinhas, como já tinha sido nas outras, fizeram-se as preces do costume, sempre muito concorridas e com a maior satisfação de todos os fiéis. Nos dois domingos, 10 e 17 do mesmo mês, ainda fui quem celebrou a missa paroquial, mas no dia 24 foi já o novo pároco, o Rev. Francisco Dias Cubelo Soares, que a contento de todos assumiu por completo o governo religioso da frêguesia. Praza a Deus que a paz seja duradoura e que mais dificuldades a não venham perturbar».

ÍNDICE

Preâmbulo	9
I — Resumo biográfico, pelo P. ^e Avelino Pinheiro Borda	11
— Notas complementares, pelo P. ^e Baptista de Sousa	20
II — A Homenagem no seu I Centenário	45
1 — Uma palavra de Saudade, por António Losa	47
2 — Testemunho e Homenagem, por Mons. Alberto Rocha Martins	57
3 — Homilia do Senhor Arcebispo	64
III — Alguns Testemunhos dos seus admiradores:	
1 — Monsenhor Adelino M. Lopes Pedrosa, pelo Prof. Carlos Martins	69
2 — Alguém na minha vida, pelo P. ^e Dr. António M. Marques Henriques	71
3 — Recordando uma Conversa, pelo Eng. ^o João Maria Oliveira Martins	74
4 — A minha singela Homenagem, pelo Dr. Manuel Sobral Torres	75
5 — O meu Testemunho, pelo Con. Rodrigo Alves Novais	78
6 — O meu Testemunho, por Armindo Duarte	79
7 — A Catequese que o Senhor Reitor nos ensinou	80
— Acção Católica no Tempo do Senhor Arcipreste — Mons. Pedrosa, por Belemino André Ribeiro	84
8 — Monsenhor Pedrosa — O Arcipreste e o Amigo, pelo P. ^e Pires Afonso	86
9 — Alguns passos da Sua Vida, pela Prof. ^a Maria Amélia de Areia	88
10 — A minha Homenagem, pelo P. ^e Avelino Filipe	90
11 — Uma Pedrinha, pelo P. ^e Henrique Macedo	91
12 — Duas Cartas	92
In Memoriam — por M. M. da Silva Costa	95
Apêndice	97



TIPOGRAFIA CAMÕES

FUNDADA EM 1908

J. BAPTISTA DE LIMA JÚNIOR, HERDEIROS, LIMITADA

RUA GOMES DE AMORIM

Telef. 62831

4490 PÓVOA DE VARZIM



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100





BMMB



347400104-1

MONSENHOR ADELINO MARIA LOPES
PEDROSA

BIB
Man